

AVALIAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE ATENDIMENTO ELETROENERGÉTICO DO SISTEMA INTERLIGADO NACIONAL - ESTUDO PROSPECTIVO FEVEREIRO A JULHO DE 2022

FEVEREIRO DE 2022

Operador Nacional do Sistema Elétrico

Rua Júlio do Carmo, 251 - Cidade Nova

20211-160 – Rio de Janeiro – RJ

Tel (+21) 3444-9400 Fax (+21) 3444-9444

© 2022/ONS

Todos os direitos reservados.

Qualquer alteração é proibida sem autorização.

NT-ONS DGL 0031/2022

**AVALIAÇÃO DAS CONDIÇÕES
DE ATENDIMENTO
ELETROENERGÉTICO DO
SISTEMA INTERLIGADO
NACIONAL - ESTUDO
PROSPECTIVO FEVEREIRO A
JULHO DE 2022**

FEVEREIRO DE 2022

Sumário

1	Introdução	4
2	Objetivo	6
3	Condições Hidroenergéticas e Operação Hidráulica do SIN	7
3.1	Condições hidroenergéticas	7
3.2	Operação hidráulica do SIN	14
	a) Bacia do rio Paraná	17
	b) Bacia do rio São Francisco	22
	c) Bacia do rio Tocantins	24
4	Premissas e Casos Simulados	26
4.1	Cenários de precipitação	26
4.2	Cenários de afluências	34
4.3	Carga de Energia	40
4.4	Geração das Usinas Não Simuladas Individualmente	40
4.5	Restrições Operativas Hidráulicas	42
4.6	Disponibilidade Térmica	42
4.7	Geração Mínima da UHE Itaipu	44
4.8	Intercâmbio N-NE / SE-CO	44
4.9	Casos Simulados	46
5	Resultados da Simulação Energética	47
6	Resultados do Balanço de Potência	57
7	Conclusões e Recomendações	61

1 Introdução

O Planejamento da Operação Energética tem por objetivo avaliar as condições de atendimento à carga prevista de energia elétrica do Sistema Interligado Nacional – SIN, sendo os resultados dessas análises apresentados em dois horizontes distintos: curto e médio prazos.

Especificamente para o horizonte de curto prazo, o Operador Nacional do Sistema Elétrico – ONS desenvolve estudos prospectivos de cunho conjuntural, cujo objetivo é fazer uma prospecção de evolução dos níveis de armazenamento dos subsistemas do SIN. Os resultados desses estudos subsidiam as deliberações do CMSE sobre a necessidade da adoção de medidas operativas adicionais ao despacho por ordem de mérito, visando garantir o equilíbrio conjuntural de curto prazo da operação do SIN.

Ao longo dos últimos anos, a precipitação observada em algumas das principais bacias hidrográficas integrantes do SIN tem se mostrado significativamente abaixo da média histórica. O déficit de precipitação acumulado nos últimos 10 anos em algumas bacias chega a alcançar um valor maior do que o total de chuva que ocorre em média em um ano.

Em consequência, as vazões afluentes às usinas localizadas em algumas bacias que compõem o SIN, nestes últimos anos, também têm se situado abaixo da média histórica. Ressalta-se que, em algumas dessas bacias, observaram-se as piores sequências hidrológicas de todo o histórico de vazões de 91 anos (1931/2021), sendo o ano hidrológico de 2020/2021 (out./20 a set./21) o que apresentou a pior condição hidrológica observada para o SIN em todo o histórico.

A crise hidroenergética vivenciada pelo SIN no ano de 2021 foi devidamente acompanhada pelo Setor Elétrico Brasileiro a partir de informações, análises e recomendações que eram indicadas pelo ONS em seus Estudos Prospectivos, conforme relatado em notas técnicas¹ anteriores. Nesses documentos, constam, de forma detalhada, o histórico das premissas que foram consideradas em cada período avaliado, os resultados que foram verificados e as conclusões e recomendações propostas para a garantia do atendimento eletroenergético do SIN.

¹ Notas Técnicas com apresentação das condições hidroenergéticas e da operação hidráulica do SIN, além das premissas, cenários e resultados dos Estudos Prospectivos desenvolvidos pelo ONS: DPL 0056/2021 (maio a nov./21); DGL 0059/2021 (jun. a nov./21); DPL 0081/2021 (jul. a nov./21); DGL 0093/2021 (ago. a nov./21); DGL 0103/2021 (set. a nov./21); DGL 0136/2021 (out./21 a abr./22); DGL 0142/2021 (nov./21 a maio/22); DGL 0154/2021 (dez./21 a maio/22); e DGL 0011/2022 (jan. a jun./22).

O presente Estudo Prospectivo considera o atendimento às resoluções emitidas pela ANA, as quais regulamentam o “Plano de Contingência para Recuperação de Reservatórios do SIN”, bem como o cronograma do “Protocolo de Compromisso nº 1/2021”, firmado entre ANA, Rio Paraná Energia S/A (RPESA) e ONS, que tem como objetivo a recuperação do nível mínimo normal operativo do reservatório da usina hidroelétrica de Ilha Solteira.

2 Objetivo

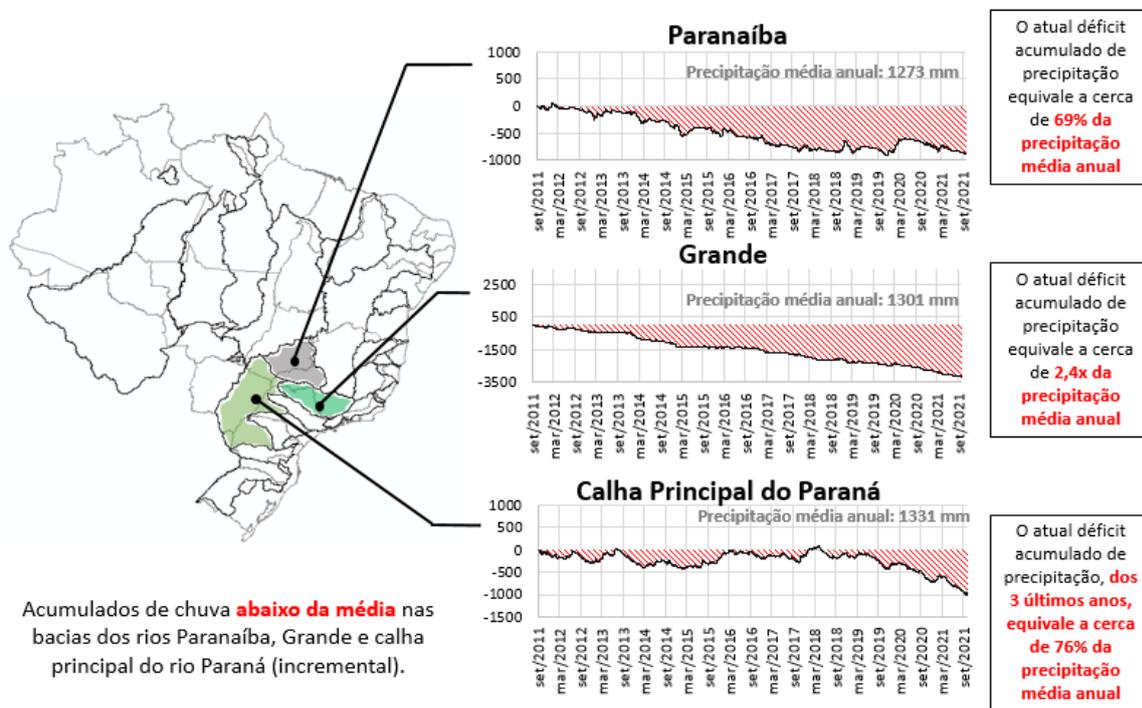
Esta Nota Técnica tem como objetivo apresentar as condições hidroenergéticas e operação hidráulica do SIN, as premissas, cenários e resultados do Estudo Prospectivo realizado pelo ONS para o horizonte de fevereiro a julho de 2022, apresentados na Reunião Ordinária do CMSE do dia 2 de fevereiro de 2022.

3 Condições Hidroenergéticas e Operação Hidráulica do SIN

3.1 Condições hidroenergéticas

Com a condição hidrometeorológica vivenciada no último período seco nas bacias dos rios Grande, Paranaíba e calha principal do rio Paraná, referente ao ano de 2021, foi observada a pior sequência de aflúências de abril a setembro, com 53% da MLT. Sendo influenciada pelo déficit de precipitação observada significativamente abaixo da média histórica ao longo dos últimos anos, como indicado na Figura 3-1, onde consta a evolução do déficit de chuva acumulado desde setembro de 2011 até setembro de 2021.

Figura 3-1: Anomalia de precipitação nas bacias dos rios Paranaíba e Grande e Incremental à Calha Principal do Paraná nos últimos 10 anos



Em consequência, as vazões afluentes às usinas localizadas em algumas bacias que compõem o SIN, nestes últimos anos, também se situaram abaixo da média histórica. Ressalta-se que, em algumas dessas bacias, observaram-se as piores sequências hidrológicas de todo o histórico de vazões de 91 anos (1931/2021). Considerando de forma agregada, as vazões para todo o SIN, no último período

O período chuvoso 2021/2022 teve seu início dentro do esperado, na segunda quinzena de outubro de 2021, e, dessa forma, tem contribuído para a melhora da situação hidrológica desfavorável na qual se encontrava a bacia do rio Paraná. As afluições nas bacias dos rios Grande, Paranaíba e calha principal do rio Paraná, desde outubro de 2021 até o mês de janeiro de 2022, estão se observando com condições mais favoráveis, situando-se próximo da Média de Longo Termo (MLT), conforme a Tabela 3-1.

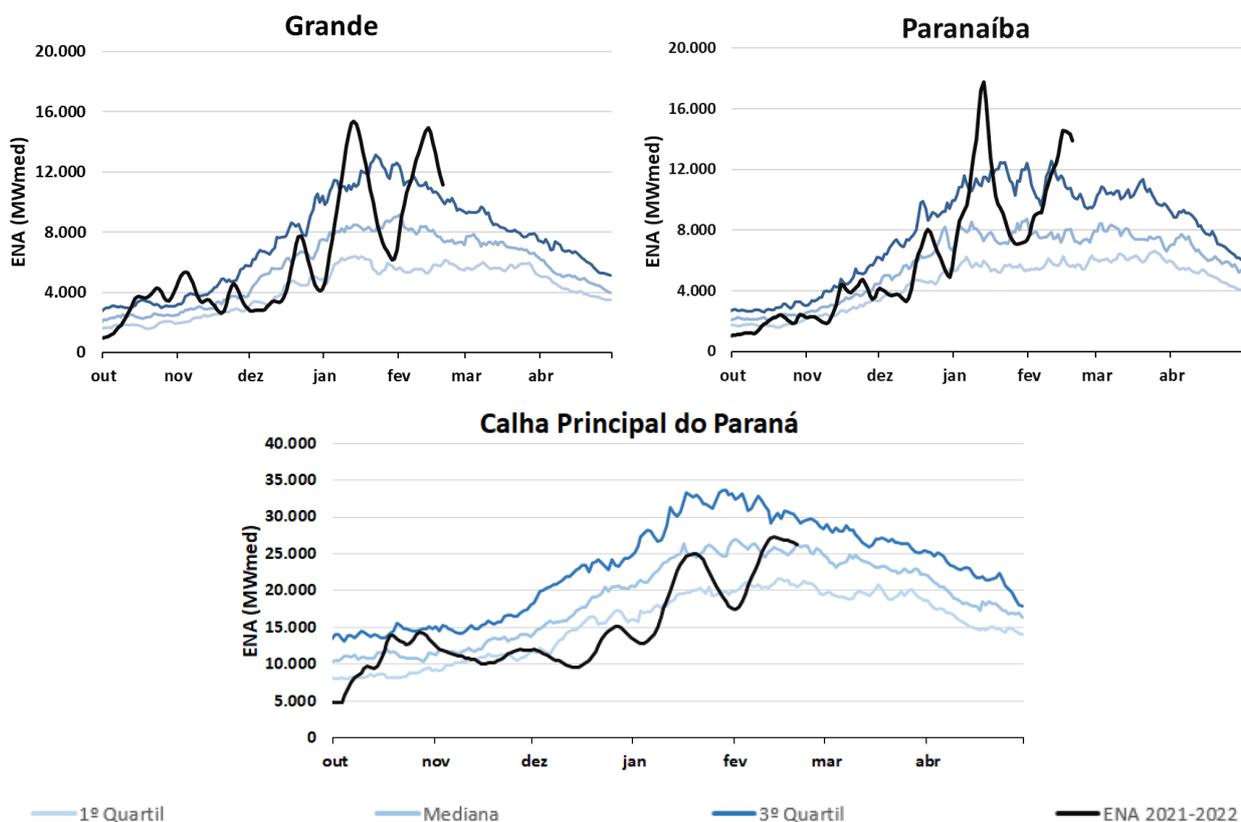
Tabela 3-1: Afluições na bacia do rio Paraná em percentuais da MLT e no posicionamento do histórico para o período de outubro/2021 a janeiro/2022 e mês de janeiro de 2022

Bacia	Outubro/2021 a Janeiro/2022		Janeiro de 2022	
	%MLT	Posição	%MLT	Posição
Bacia do rio Paraná (Calha Principal)	89	36º PIOR	87	35º PIOR
Bacia do rio Paranaíba	87	32º PIOR	115	31º MELHOR
Bacia do rio Grande	99	42º MELHOR	111	33º MELHOR

Notas: Os posicionamentos consideram um histórico de 91 anos.

O comportamento das afluições nas principais bacias contribuintes à bacia do rio Paraná pode ser observado na Figura 3-3, apresentada na sequência. A melhora significativa das afluições verificadas nos principais afluentes na bacia do rio Paraná levou a uma melhora considerável nos armazenamentos nos principais reservatórios que contribuem de forma importante para a operação do SIN.

Figura 3-3: ENA observada no período de outubro de 2021 a janeiro de 2022.



Destacamos, a situação do armazenamento dos principais reservatórios da bacia do rio Paraná e seus afluentes, em relação às suas capacidades máximas, com uma condição mais favorável que a observada para o mesmo período do ano de 2021, conforme Tabela 3-2.

Tabela 3-2: Armazenamentos dos principais reservatórios da bacia do rio Paraná

Bacia	Reservatório	Armazenamento (% do máximo)		
		31/01/2022	Posição no histórico	No ano anterior (31/01/2021)
Grande	Furnas	55,8	11º MELHOR	24,8
	M. Moraes	56,5	6º PIOR	29,4
	Marimbondo	29,0	7º PIOR	22,0
	A. Vermelha	19,1	PIOR	19,2
Paranaíba	Nova Ponte	27,9	9º PIOR	12,7
	Emborcação	38,3	12º PIOR	12,0
	Itumbiara	44,6	10º MELHOR	16,3
	São Simão	30,7	3º PIOR	18,4
Paraná	I. Solteira	0,0	PIOR	60,0
Tietê	Três Irmãos	0,0	PIOR	64,4

Nota: O posicionamento considera um histórico de 23 anos de operação, desde o ano 2000.

O armazenamento equivalente dos reservatórios da bacia do rio Paraná, incluindo seus principais afluentes, em 31/01/2022, correspondeu a 39,9% de sua capacidade máxima, o que se configura como o 10º pior armazenamento no período de operação do SIN desde o ano 2000.

Adicionalmente, destacamos a recuperação de reservatórios importantes nas bacias dos rios São Francisco e Tocantins, que verificaram aflúências bastante favoráveis, proporcionando melhoria dos armazenamentos dos subsistemas Nordeste e Norte, respectivamente. Os armazenamentos observados em 31/01/2022 se encontram bastante elevados em comparação ao mesmo dia no ano de 2021, conforme apresentado na Tabela 3-3.

Em contrapartida, os reservatórios da região Sul, estão sendo reduzidos, em virtude da condição hidroenergética desfavorável na qual se encontram as bacias dos rios Iguçu e Uruguai, que correspondem à 81% da capacidade total de armazenamento desse subsistema. A condição hídrica severa que vivenciam essas bacias requer atenção. Os armazenamentos observados em 31/01/2022 se encontram reduzidos, em comparação ao mesmo dia no ano de 2021, conforme apresentado na Tabela 3-4.

Tabela 3-3: Armazenamentos dos principais reservatórios das bacias dos rios São Francisco e Tocantins

Bacia	Reservatório	Armazenamento (% do máximo)		
		31/01/2022	Posição no histórico	No ano anterior (31/01/2021)
São Francisco	Três Marias	90,3	MELHOR	56,3
	Sobradinho	68,7	6º MELHOR	52,3
Tocantins	Serra da Mesa	45,4	4º MELHOR	21,1
	Tucuruí	98,5	2º MELHOR	34,3

Nota: O posicionamento considera um histórico de 23 anos de operação, desde o ano 2000.

Tabela 3-4: Armazenamentos dos principais reservatórios das bacias dos rios Iguaçu e Uruguai

Bacia	Reservatório	Armazenamento (% do máximo)		
		31/01/2022	Posição no histórico	No ano anterior (31/01/2021)
Iguaçu	G. B. Munhoz	37,4	4º PIOR	63,2
	Salto Santiago	36,9	2º PIOR	49,5
Uruguai	Barra Grande	31,7	2º PIOR	54,6
	Machadinho	26,6	2º PIOR	66,6
	Passo Fundo	35,9	3º PIOR	31,0

Nota: O posicionamento considera um histórico de 23 anos de operação, desde o ano 2000.

O período de outubro de 2021 a janeiro de 2022, considerando de forma agregada, as vazões para todo o SIN, está se configurando com uma condição hidrológica dentro da média histórica, com 100% MLT e o 43º melhor em 91 anos de dados observados, conforme a Tabela 3-5. Com relação aos subsistemas Sudeste, Nordeste e Norte, nota-se melhora significativa das afluições no período outubro de 2021 a janeiro de 2022, com valores observados de 97% MLT, 92% MLT e 162% MLT, respectivamente. No sentido oposto, as afluições médias no subsistema Sul foram de cerca de 54% MLT neste mesmo período.

Tabela 3-5: Afluições no SIN em percentuais da MLT e posicionamento do histórico para o período de outubro/2021 a janeiro/2022 e mês de janeiro de 2022

Subsistemas/SIN	Outubro/2021 a Janeiro/2022		Janeiro de 2022	
	%MLT	Posição	%MLT	Posição
SE/CO	97	42º PIOR	109	32º MELHOR
S	54	12º PIOR	38	5º PIOR
NE	92	37º PIOR	142	6º MELHOR
N	162	6º MELHOR	224	MELHOR
SIN	100	43º MELHOR	125	12º MELHOR

Nota: Os posicionamentos consideram um histórico de 91 anos.

Na Tabela 3-6 pode ser verificado o reflexo dessa condição hidrológica nos armazenamentos dos subsistemas do SIN ao final do mês de janeiro de 2022, em comparação com o ano anterior e com o histórico de armazenamentos. Com efeito de uma afluição consideravelmente superior à média no mês de janeiro, para o SIN, houve crescimento de cerca de 18,4 pontos percentuais em sua capacidade máxima no período compreendido entre 31/01/2021 (31,0%) e a mesma data deste ano (49,4%).

Tabela 3-6: Armazenamentos do SIN e de seus subsistemas

Subsistema / SIN	Armazenamento (% máximo)		
	31/01/2022	Posição no histórico	No ano anterior (31/01/2021)
Sudeste/Centro-Oeste	41,8	11º PIOR	23,4
Sul	35,4	2º PIOR	52,4
Nordeste	74,1	3º MELHOR	52,1
Norte	89,2	4º MELHOR	32,4
SIN	49,4	9º MELHOR	31,0

Nota: O posicionamento considera um histórico de 23 anos de operação, desde o ano 2000.

3.2 Operação hidráulica do SIN

De modo geral, a operação hidráulica dos reservatórios que compõem o SIN é realizada com a consideração do uso de outras fontes de geração, da maximização das capacidades de intercâmbio entre os subsistemas e do cumprimento de regulamentações vigentes de atendimento a usos múltiplos, que podem ser permanentes ou temporárias, a exceção de casos nos quais há autorizações prévias dos órgãos competentes para a prática de operação diferenciada.

Conforme relatado em notas técnicas² sobre estudos prospectivos anteriores, o Brasil passou por uma crise hidroenergética no ano de 2021 que, para o seu enfrentamento, foi necessária a adoção de várias medidas no âmbito da operação hidráulica que era normalmente praticada para os reservatórios que compõem o SIN. Nesse sentido, houve a necessidade de se flexibilizar restrições hidráulicas de reservatórios em diversas bacias hidrográficas.

Cumprir destacar, nesse período de crise, a relevância da instituição da Câmara de Regras Excepcionais para Gestão Hidroenergética (CREG), em 28/06/2021, pela Medida Provisória nº 1.055/2021, que teve como objetivo estabelecer medidas emergenciais para a otimização do uso dos recursos hidroenergéticos e para o enfrentamento da situação de escassez hídrica em 2021, a fim de garantir

² Notas Técnicas com apresentação das condições hidroenergéticas e da operação hidráulica do SIN, além das premissas, cenários e resultados dos Estudos Prospectivos desenvolvidos pelo ONS: DPL 0056/2021 (maio a nov./21); DGL 0059/2021 (jun. a nov./21); DPL 0081/2021 (jul. a nov./21); DGL 0093/2021 (ago. a nov./21); DGL 0103/2021 (set. a nov./21); DGL 0136/2021 (out./21 a abr./22); DGL 0142/2021 (nov./21 a maio/22); DGL 0154/2021 (dez./21 a maio/22); e DGL 0011/2022 (jan. a jun./22).

a continuidade e a segurança do suprimento eletroenergético no País. As atividades da CREG foram encerradas em 05/11/2021, conforme Ofício Nº 72/2021/CREG-MME. Destaca-se, na Ata da 8ª e última Reunião Ordinária da CREG o registro que o ONS:

- ponderou que, a despeito da melhoria nas condições de atendimento eletroenergético tanto para 2021 quanto as perspectivas para 2022, o cenário está longe de caracterizar uma normalidade operativa. Permanece, portanto, a situação de atenção e o monitoramento permanente continuará a ser realizado respaldado pelos estudos prospectivos elaborados pelo ONS e acompanhamento das demais medidas excepcionais em curso, que são fundamentais para a garantia da segurança do atendimento, especialmente para 2022 (item 3.5); e
- apresentou mensuração dos impactos das medidas excepcionais indicadas pelo CMSE e pela CREG, que foram fundamentais para a garantia da segurança do atendimento ao SIN e permitiram ganhos de armazenamento da ordem de 14 pontos percentuais da EAR_{máx} do subsistema Sudeste/Centro-Oeste, avaliados até o mês de setembro de 2021. Desse ganho, estima-se que cerca de 10,7 pontos percentuais tenham sido propiciados a partir da flexibilização das vazões das UHE Jupia e Porto Primavera e da consequente alocação de recursos energéticos não-hidrelétricos, confirmando a importância da ação (item 4.1).

Sendo assim, após o encerramento das atividades da CREG, a operação hidráulica dos reservatórios do SIN permanece em situação de atenção e contínuo monitoramento.

Atualmente, há as seguintes regulamentações permanentes para a operação de reservatórios nas bacias dos rios Paraíba do Sul, São Francisco e Tocantins, em geral, ou seja, quando não há a caracterização de uma situação de seca ou cheia:

- Resolução Conjunta³ ANA/DAEE/IGAM/INEA Nº 1382, de 07/12/2015, que dispõe sobre as condições de operação a serem observadas para o Sistema Hidráulico Paraíba do Sul, que compreende tanto os reservatórios localizados na bacia quanto as estruturas de transposição das águas do rio Paraíba do Sul para o Sistema Guandu;
- Resolução ANA Nº 2.081, de 04/12/2017, que dispõe sobre as condições para a operação do Sistema Hídrico do Rio São Francisco, que compreende os

³ Elaborada pela Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA), Departamento de Águas e Energia Elétrica do Estado de São Paulo (DAEE), Instituto Mineiro de Gestão das Águas do Estado de Minas Gerais (IGAM) e Instituto Estadual do Ambiente (INEA).

reservatórios de Três Marias, Sobradinho, Itaparica (Luiz Gonzaga), Moxotó, Paulo Afonso I, II, III e IV e Xingó; e

- Resolução ANA Nº 70, de 19/04/2021, que dispõe sobre as condições de operação do Sistema Hídrico do Rio Tocantins, composto pelos reservatórios de Serra da Mesa, Cana Brava, São Salvador, Peixe Angical, Lajeado (Luís Eduardo Magalhães), Estreito e Tucuruí.

Além dessas regulamentações permanentes, encontram-se em vigência o “Protocolo de Compromisso Nº 01/2021” firmado entre ANA, Rio Paraná Energia S/A (RPESA) e ONS, que tem como objetivo a recuperação do nível mínimo normal operativo do reservatório da UHE Ilha Solteira, e as resoluções da ANA que foram promulgadas para formalizar o “Plano de Contingência para a Recuperação de Reservatórios do Sistema Interligado Nacional – dezembro/ 2021 a abril/2022”, a saber:

- Resolução ANA Nº 108, de 19/11/2021, que dispõe sobre condições temporárias para operação dos reservatórios de Emborcação e Itumbiara, no rio Paranaíba;
- Resolução ANA Nº 110, de 23/11/2021, que dispõe sobre condições de operação temporárias complementares às outorgas dos reservatórios de Furnas e Marechal Mascarenhas de Moraes, no rio Grande; e
- Resolução ANA Nº 111, de 29/11/2021, que dispõe sobre as recomendações de operação de reservatórios para operacionalização do Plano de Contingência da ANA para a Recuperação de Reservatórios do Sistema Interligado Nacional.

Ressalta-se que o “Protocolo de Compromisso Nº 01/2021” estabelece níveis-meta a serem atingidos pelo reservatório da UHE Ilha Solteira ao final de cada mês para o período de 31/12/2021 até 31/05/2022 e que as resoluções relacionadas ao “Plano de Contingência” são válidas durante o período de 01/12/2021 até 30/04/2022, de modo que, as limitações de defluências impostas especificamente para cada reservatório podem ser suspensas quando fossem atingidos 70% do seu volume útil, no caso das UHE Emborcação, Itumbiara, Furnas e Mascarenhas de Moraes; e passassem para a Faixa de Operação Normal, no caso das UHE Três Marias e Sobradinho.

Cabe, por fim, pontuar que a operação hidráulica dos reservatórios do SIN é também norteadada pelo “Plano Anual de Prevenção de Cheias – Ciclo 2021/2022” (RT-ONS DOP 0322/2021) e documentos de “Regras para Operação de Controle de Cheias”, vigentes para cada bacia em que há operação de controle de cheias.

A seguir, são apresentadas as principais diretrizes operativas hidráulicas de dezembro de 2021 até o presente momento, para as usinas hidroelétricas integrantes do SIN, com o objetivo de assegurar melhores condições para o atendimento eletroenergético. Essas diretrizes são referentes à operação de usinas nas bacias dos rios: a) Paraná; b) São Francisco; e c) Tocantins.

a) Bacia do rio Paraná

Defluências mínimas de Jupιά e Porto Primavera

Desde o final do ano de 2020, houve várias tratativas e decisões sobre as defluências mínimas que deveriam ser praticadas pelas usinas hidroelétricas de Jupιά e Porto Primavera, situadas no trecho baixo do rio Paraná.

Após essas tratativas e discussões, conforme histórico apresentado em notas técnicas de Estudos Prospectivos anteriores, encontram-se estabelecidas as seguintes defluências mínimas:

- Para o período de piracema, de 01/12/2021 até 28/02/2022: de acordo com o Ofício nº 1083/2021/GABIN, emitido pelo IBAMA, as defluências mínimas a serem mantidas nas usinas hidroelétricas de Jupιά e Porto Primavera deveriam ser, respectivamente, 3.600m³/s e 3.900m³/s. Ocorreu que a defluência mínima estabelecida para a UHE Jupιά acabou sendo flexibilizada para 3.300m³/s, após a execução de Plano de Trabalho elaborado pela Rio Paraná Energia S.A. ("RPESA"/CTG) e devidamente aprovado pelo IBAMA. A redução do patamar de 3.600m³/s foi iniciada em 23/12/2021, sendo atingido o valor de 3.300m³/s em 27/12/2021. Destaca-se que essa ação foi motivada pelo reconhecimento da necessidade de se buscar a redução da vazão mínima defluente da UHE Jupιά, estabelecida em 3.600m³/s, no período de novembro de 2021 a fevereiro de 2022 por parte das entidades que compuseram o Grupo Técnico de Assessoramento da Situação da Região Hidrográfica do Paraná (GTA-RH Paraná⁴), criado pela Portaria ANA Nº 377, de 02/07/2021. Cumpre também mencionar que, para esse período, também há recomendação da ANA, expressa no Art. 7º da Resolução ANA Nº 111/2021, de que a operação dos reservatórios de Jupιά e Porto Primavera deverá ser realizada de forma

⁴ Grupo composto pelas seguintes entidades:

Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA);

Instituto Mineiro de Gestão das Águas (IGAM), do Estado de Minas Gerais;

Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SEMAD/GO), do Estado de Goiás;

Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE), do Estado de São Paulo;

Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul (IMASUL), do Estado do Mato Grosso do Sul; e

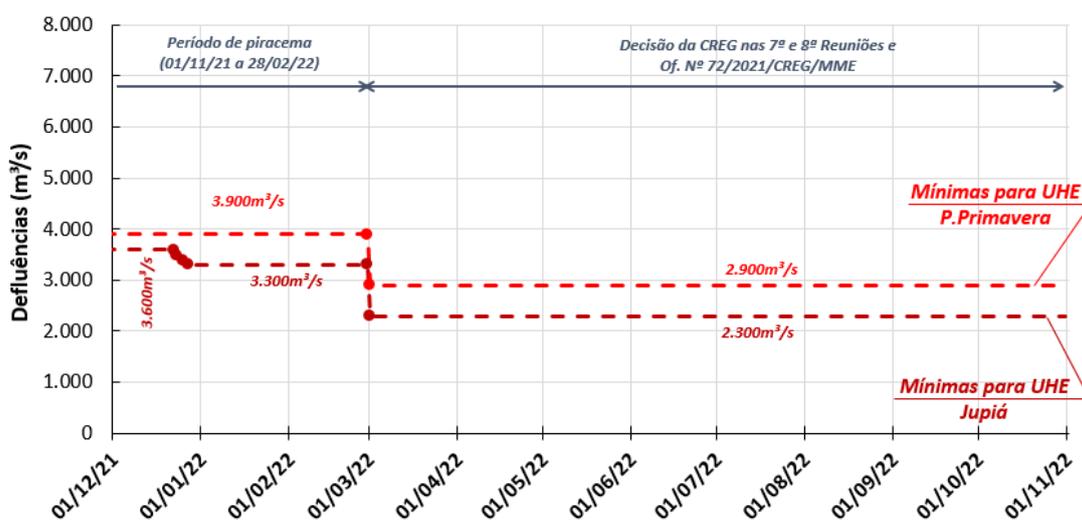
Instituto Água e Terra (IAT), do Estado do Paraná.

limitar as vazões defluentes médias mensais a valores próximos ao requisito mínimo ambiental em cada mês, em ambos os reservatórios.

- O período de 01/03/2022 até 31/10/2022: conforme consta nas 7ª e 8ª Atas de Reuniões Ordinárias da CREG, a Câmara deliberou que, no período de março de 2022 a outubro de 2022, as usinas hidroelétricas de Jupuíá e Porto Primavera devem operar com defluências mínimas de 2.300m³/s e 2.900m³/s, respectivamente, sendo possível ajustes dos valores de defluência mínima para patamares superiores conforme a necessidade operativa para atendimento energético ao SIN e para atendimento às recomendações e exigências dos órgãos de licenciamento ambiental, associadas a essa operação determinada.

De forma resumida, na Figura 3-4 são apresentadas as defluências mínimas para as UHE Jupuíá e Porto Primavera consideradas para o período de dezembro de 2021 até outubro de 2022.

Figura 3-4: Evolução das defluências mínimas das UHE Jupuíá e Porto Primavera de dezembro de 2021 até final de outubro de 2022



Para este Estudo Prospectivo, tendo em vista as condições operativas do SIN, foram consideradas as seguintes defluências mínimas:

- UHE Jupuíá: 3.300 m³/s para fevereiro/2022; 2.500 m³/s para março/2022; e 2.300m³/s para os meses de abril até julho/2022.
- UHE Porto Primavera: 3.900 m³/s para fevereiro/2022; 3.100 m³/s para março/2022; e 2.900m³/s para os meses de abril até julho/2022.

Furnas e Mascarenhas de Moraes

De acordo com a Resolução ANA nº 110/2021, as regras operativas para os reservatórios de Furnas e Mascarenhas de Moraes, no período de 1º de dezembro de 2021 até 30 de abril de 2022, são as seguintes:

- UHE Furnas: A defluência média não poderá superar 300m³/s e a máxima vazão defluente média semanal deverá ser 400m³/s; sendo permitida a tolerância de variação dessa defluência de até 5% para mais ou para menos e torna-se suspensa essa limitação de defluência quando o reservatório atingir 70% do seu volume útil.
- UHE M. Moraes: A defluência média não poderá superar 300m³/s e a máxima vazão defluente média semanal deverá ser 370m³/s; sendo permitida a tolerância de variação dessa defluência de até 5% para mais ou para menos e torna-se suspensa essa limitação de defluência quando o reservatório atingir 70% do seu volume útil.

Na Tabela 3-7 constam as defluências médias semanais que foram praticadas nesses reservatórios nas semanas operativas de janeiro de 2021.

Tabela 3-7: Defluências médias semanais praticadas nos reservatórios de Furnas e M.Moraes nas semanas operativas de jan./22

Semana operativa	Defluências médias semanais praticadas (m ³ /s)	
	Furnas	M. Moraes
01/01/22 a 07/01/22	276	307
08/01/22 a 14/01/22	284	289
15/01/22 a 21/01/22	301	292
22/01/22 a 28/01/22	353	371

Observando a Tabela 3-7, verifica-se que as defluências praticadas nos dois reservatórios foram inferiores às estabelecidas no normativo em todas as semanas operativas de janeiro de 2022. Para o período de 01/12/2021 a 31/01/2022, as defluências médias da UHE Furnas e M.Moraes foram, respectivamente, de 323m³/s e 330m³/s.

Para este Estudo Prospectivo, considerou-se o cumprimento das restrições de defluências estabelecidas na Resolução ANA nº 110/2021 (até abr./22) para os reservatórios de Furnas e M. Moraes.

Emborcação e Itumbiara

De acordo com a Resolução ANA nº 108/2021, as regras operativas para os reservatórios de Emborcação e Itumbiara, no período de 1º de dezembro de 2021 até 30 de abril de 2022, são as seguintes:

- UHE Emborcação: Vazão defluente máxima média semanal de 140 m³/s, sendo permitida a tolerância de variação dessa defluência de até 15% para mais ou para menos. Além disso, torna-se suspensa essa limitação de defluência quando o reservatório atingir 70% do seu volume útil.
- UHE Itumbiara: Vazão defluente máxima média semanal de 490m³/s (quando o nível d'água armazenado estiver abaixo da cota 508,11m – 40%VU), e de 784 m³/s (quando o nível d'água armazenado for igual ou superior à cota 508,11m – 40%VU); sendo permitida a tolerância de variação dessa defluência de até 5% para mais ou para menos. Essa limitação de defluência é suspensa quando o reservatório atingir 70% do seu volume útil.

Na Tabela 3-8 constam as defluências médias semanais que foram praticadas nesses reservatórios nas semanas operativas de janeiro de 2021.

Tabela 3-8: Defluências médias semanais praticadas nos reservatórios de Emborcação e Itumbiara nas semanas operativas de jan./22

Semana operativa	Defluências médias semanais praticadas (m³/s) ⁽¹⁾		Nível da UHE Itumbiara às 23h59 do último dia da semana operativa ⁽²⁾
	Emborcação	Itumbiara	
01/01/22 a 07/01/22	108	395	505,66
08/01/22 a 14/01/22	100	438	507,05
15/01/22 a 21/01/22	138	430	508,14
22/01/22 a 28/01/22	137	607	508,83

Notas: (1) Dado consolidado pelo ONS; e (2) Dado enviado pelo agente de geração (tempo real lido).

Observando a Tabela 3-8, verifica-se que as defluências praticadas nos dois reservatórios foram inferiores às estabelecidas no normativo em todas as semanas operativas de janeiro de 2022.

Para este Estudo Prospectivo, considerou-se o cumprimento das restrições de defluências estabelecidas na Resolução ANA nº 108/2021 (até abr./22) para os reservatórios de Emborcação e Itumbiara.

Ilha Solteira e Três Irmãos e respectivo reflexo na hidrovia Tietê-Paraná

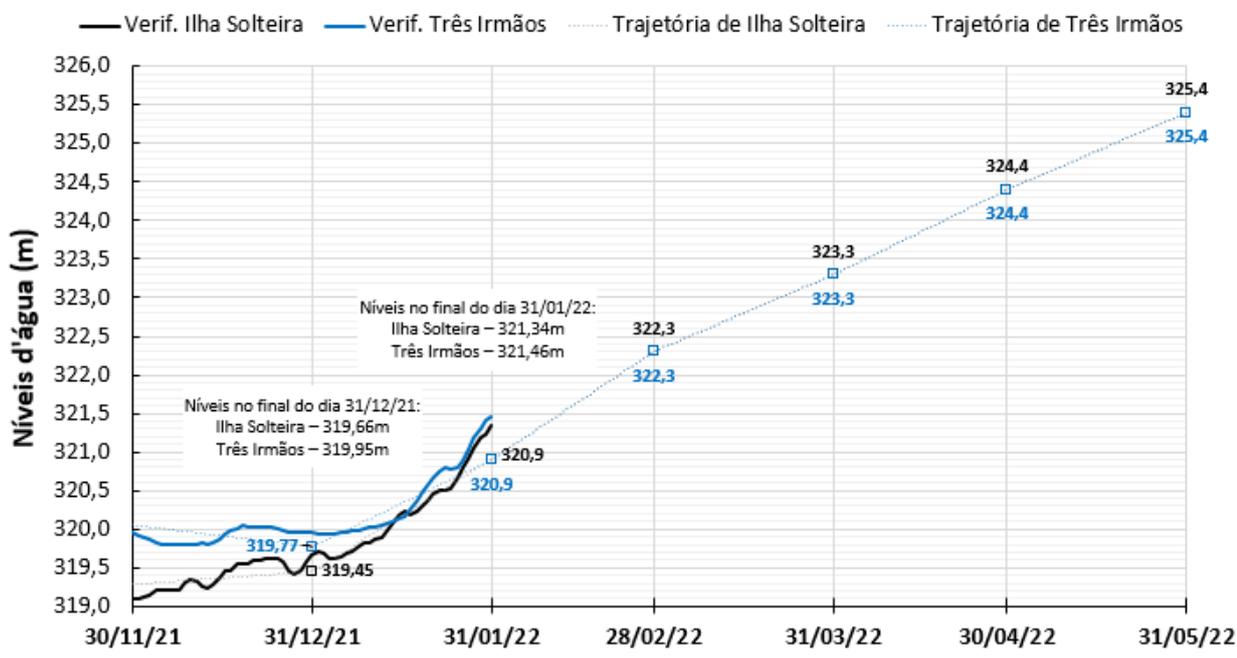
De acordo com o Protocolo de Compromisso Nº 01/2021 entre ANA, RPESA/CTG e ONS, os níveis d'água a serem alcançados ao final de cada mês são os constantes na Tabela 3-9.

Tabela 3-9: Cotas do reservatório da UHE Ilha Solteira a serem atingidos ao final de cada mês

Data	Cota(m)
31/12/2021	319,45
31/01/2022	320,90
28/02/2022	322,30
31/03/2022	323,30
30/04/2022	324,40
31/05/2022	325,40

Na Figura 3-5 consta uma representação linearizada da evolução dos níveis d'água para o reservatório da UHE Ilha Solteira conforme Tabela 3-9, os quais, a partir de janeiro de 2022, foram também considerados para o reservatório da UHE Três Irmãos. Em 31/01/2022, os reservatórios de Ilha Solteira e Três Irmãos encontravam-se nas cotas 321,34m e 321,46m, respectivamente, estando, portanto, acima da cota 320,90m estabelecida no Protocolo.

Figura 3-5: Evolução dos níveis das UHE Ilha Solteira e Três Irmãos até final de jan./22



Cumprir destacar que o atendimento ao exposto no referido Protocolo depende da verificação de condições hidrológicas semelhantes ou mais favoráveis que os cenários hidrológicos considerados na elaboração desse documento.

Para este Estudo Prospectivo, considerou-se o atendimento dos níveis-meta para cada mês do Protocolo de Compromisso N° 01/2021.

b) Bacia do rio São Francisco

De acordo com a Resolução ANA nº 111/2021, para as usinas da bacia do rio São Francisco, no período de dezembro de 2021 a abril de 2022, as recomendações são as seguintes:

- UHE Três Marias: Defluência máxima próxima de 100 m³/s na Faixa de Operação de Restrição e de 150 m³/s na Faixa de Operação de Atenção.
- UHE Sobradinho e Xingó: Defluência máxima próxima de 700m³/s em Sobradinho e Xingó, quando o reservatório de Sobradinho estiver na Faixa de Operação de Restrição; e defluência máxima de 800m³/s em Sobradinho e Xingó, quando o reservatório de Sobradinho estiver na Faixa de Operação de Atenção; sendo que o controle deverá ser efetuado no reservatório de Xingó.

Destaca-se que, em função das chuvas intensas ocorridas na bacia do rio São Francisco no final do mês de dezembro de 2021 e início de janeiro de 2022, a bacia saiu de uma condição de normalidade e passou para uma situação de cheia, conforme Carta ONS CGL 0053/2021. Destaca-se que, nessa situação, as condições operação dos reservatórios das usinas hidroelétricas da bacia do rio São Francisco estabelecidas na Resoluções ANA Nº 2.081/2017 e Nº 111/2021 devem ser suspensas, prevalecendo as regras operativas de controle de cheias, conforme previsto nos Artigos 19 e 12, das respectivas resoluções, conforme reescrito a seguir.

Resolução ANA Nº 2.081/2017 - “Art. 19. As condições de operação estabelecidas nesta Resolução para os reservatórios do Sistema Hídrico do Rio São Francisco são automaticamente suspensas quando um ou mais reservatórios do Sistema estiver operando para controle de cheia, devendo ser seguidas, nesse caso, as Regras de Controle de Cheias – Bacia do Rio São Francisco, estabelecidas pelo ONS.”

Resolução ANA Nº 111/2021- “Art. 12. As condições de operação desta Resolução ficam automaticamente suspensas quando os reservatórios estiverem operando para controle de cheia, devendo ser seguidas, nesse caso, as Regras de Controle de Cheias pertinentes, estabelecidas pelo ONS.”

Portanto, até que a bacia retorne às condições de normalidade, a operação hidráulica dos seus reservatórios ocorrerá em conformidade com as premissas básicas do documento “Regras para Operação de Controle de Cheias - Bacia do Rio São Francisco - Ciclo 2021-2022” (RT-ONS DOP 0368/2021),

Para este Estudo Prospectivo, não foram consideradas as recomendações de defluências estabelecidas na Resolução ANA nº 111/2021 (até abr./22) para os reservatórios de Três Marias, Sobradinho e Xingó, uma vez que os armazenamentos de Três Marias e Sobradinho se mantiveram na Faixa de Operação Normal (acima de 60% de seus respectivos VU) nos meses de fevereiro a abril de 2022.

Salienta-se que a disponibilidade de um sistema de previsão que garante uma antecedência de no mínimo 15 dias no conhecimento do hidrograma afluente, permite ao ONS e à CHESF, durante a operação, flexibilidade para reduzir ou aumentar o volume de espera alocado no reservatório de Sobradinho no decorrer do período úmido, assegurando-se a preservação do tempo de retorno adotado para a proteção dos locais de restrição de vazão máxima, conforme preconizado no Relatório de Regras para Operação de Controle de Cheias – Bacia do rio São Francisco – ciclo 2021-2022 (RT-ONS DOP 0368/2021). Dessa forma, no presente estudo utilizou-se volumes de espera revisados do reservatório de Sobradinho, visando contribuir com a recuperação do nível do reservatório, conforme Tabela 3-10.

Tabela 3-10: Volumes de espera revisados do reservatório da UHE Sobradinho

Período			Reenchimento	
			%VU	Cota (m)
15/01/22	a	21/01/22	77,80	390,84
22/01/22	a	28/01/22	79,92	391,01
29/01/22	a	04/02/22	82,04	391,18
05/02/22	a	11/02/22	84,15	391,35
12/02/22	a	18/02/22	86,27	391,51
19/02/22	a	25/02/22	88,38	391,67
26/02/22	a	04/03/22	90,48	391,83
05/03/22	a	11/03/22	92,60	391,98
12/03/22	a	18/03/22	94,69	392,13
19/03/22	a	25/03/22	96,82	392,28
26/03/22	a	01/04/22	97,68	392,34
02/04/22	a	08/04/22	98,55	392,40
09/04/22	a	15/04/22	99,27	392,45
16/04/22	a	22/04/22	100,00	392,50

c) Bacia do rio Tocantins

De acordo com a Resolução ANA nº 111/2021, o reservatório de Serra da Mesa deverá ser operado com vazão defluente máxima média próxima de 100 m³/s.

Na Tabela 3-11 constam as defluências médias semanais praticadas nas semanas operativas de janeiro de 2021.

Tabela 3-11: Defluências médias semanais praticadas no reservatório de Serra da Mesa nas semanas operativas de jan./22

Semana operativa	Defluências médias semanais praticadas (m ³ /s) em Serra da Mesa
01/01/22 a 07/01/22	99
08/01/22 a 14/01/22	101
15/01/22 a 21/01/22	102
22/01/22 a 28/01/22	100

Observando a Tabela 3-11, verifica-se que as defluências praticadas na UHE Serra da Mesa foram bem próximas ao valor estabelecido na recomendação do normativo em todas as semanas operativas de janeiro de 2022.

Para este Estudo Prospectivo, considerou-se o cumprimento das recomendações de defluências estabelecidas na Resolução ANA nº 111/2021 (até abr./22) para o reservatório de Serra da Mesa, bem como do estabelecido Resolução ANA nº 70/2021.

4 Premissas e Casos Simulados

Os estudos para avaliação das condições de atendimento eletroenergético são fundamentais para identificação das medidas adicionais necessárias para assegurar a segurança do SIN. No âmbito desses estudos, é de suma importância a definição dos cenários de vazões que serão adotados.

No entanto, a definição desses cenários não é trivial, função das diversas variáveis climáticas envolvidas, além das condições de solo, necessárias para efetuar a transformação dos cenários de precipitação em cenários de vazão. Salienta-se que o tempo de antecedência em que essas avaliações são realizadas é outro fator que merece destaque, dadas as incertezas dos cenários para horizontes estendidos.

Nesse capítulo são apresentados os estudos hidrometeorológicos realizados para o período de fevereiro a julho/2022, incluindo as premissas básicas dos estudos, os resultados encontrados e as limitações envolvidas.

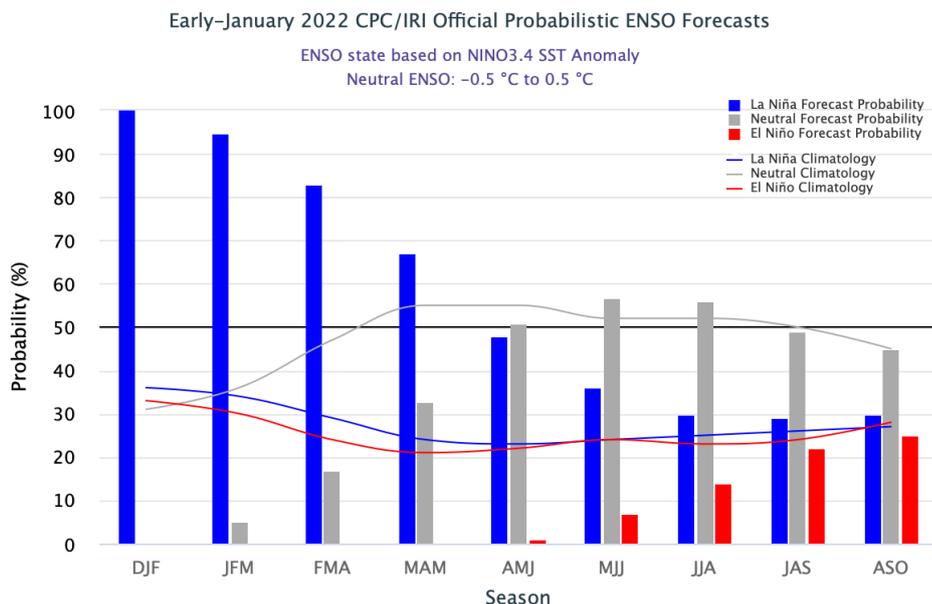
4.1 Cenários de precipitação

Os cenários de precipitação utilizados no estudo correspondem a uma composição de três métodos de previsão numérica em diferentes horizontes: até o 15º dia, é utilizada a combinação de três modelos numéricos com remoção de viés: ETA, GEFS e ECMWF; do 16º ao 45º dia de previsão, a previsão estendida utiliza o modelo ECMWF; a partir do 46º dia, são utilizados os Cenários de Semelhança Climática, descritos a seguir e que usam como base as previsões climáticas do modelo CFS. Considerando essas três escalas temporais, os Cenários de Semelhança Climática são os que englobam a maior parte do período estudado.

A utilização de Cenários de Semelhança Climática é composta por dois processos: primeiramente, é feita uma análise climática com base no fenômeno ENOS (El Niño Oscilação Sul), caracterizado pela Temperatura da Superfície do Mar (TSM) do Oceano Pacífico Equatorial e pré-selecionando anos do histórico cujo comportamento do ENOS é similar ao previsto.

O informe mais recente da Agência Norte-Americana de Oceanografia e Meteorologia (NOAA), junto ao International Research Institute (IRI), mantém a condição de La Niña iniciada em outubro. De acordo com a previsão de consenso (Figura 4-1), a probabilidade de persistência do fenômeno ao longo dos meses de verão é superior a 70%, com retorno à condição de neutralidade a partir do trimestre abril-maio-junho de 2022. A previsão do IRI e de demais centros internacionais de meteorologia é que esta La Niña perca intensidade ao longo dos próximos meses.

Figura 4-1: Previsão de consenso do CPC/IRI para o El Niño Oscilação Sul (ENSO), elaborada em janeiro/2022

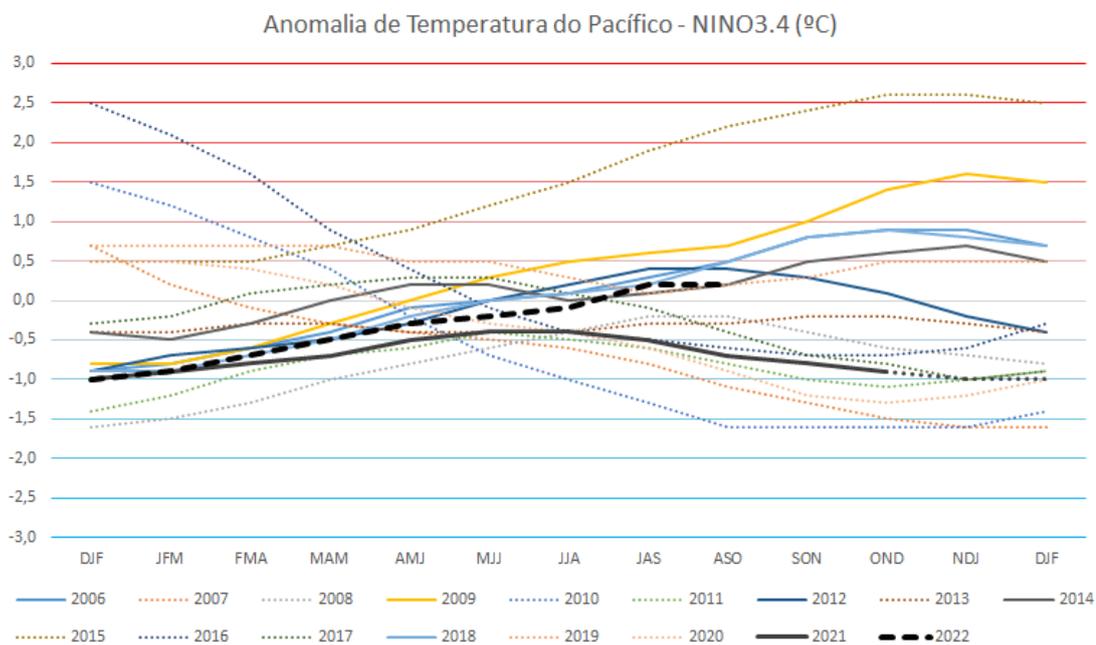


Fonte: IRI (9/12/2021), <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>

Em consequência da continuidade do fenômeno La Niña ao longo dos próximos meses, os modelos de previsão climática sazonal indicam como cenário mais provável índices de precipitação entre os tercis normal e abaixo da média na região Sul, e entre os tercis normal e acima da média no extremo norte brasileiro para os próximos trimestres.

Com base nestas condições, foram pré-selecionados anos cujo início do período é sob o fenômeno La Niña e o término do período ocorre com neutralidade (Figura 4-2 e Tabela 4-1), no período em que há dados de histórico de precipitação disponível no ONS (2006 a 2021). Os anos pré-selecionados na primeira etapa do processo de Cenários de Semelhança Climática foram: 2007, 2009, 2012, 2014, 2018 e 2021.

Figura 4-2: Anomalia de TSM entre 2006 e 2021 e previsão para 2022.



Fontes: IRI e CPC/NOAA.

Tabela 4-1: Indicação do fenômeno predominante em cada semestre (2000 a 2021)

Ano	1º Semestre	2º Semestre
2000	La Niña	La Niña
2001	La Niña	Neutro
2002	Neutro	El Niño
2003	El Niño	Neutro
2004	Neutro	El Niño
2005	El Niño	La Niña
2006	La Niña	El Niño
2007	Neutro	La Niña
2008	La Niña	La Niña
2009	La Niña	El Niño
2010	El Niño	La Niña
2011	La Niña	La Niña
2012	La Niña	Neutro
2013	Neutro*	Neutro*
2014	Neutro	El Niño
2015	El Niño	El Niño
2016	El Niño	La Niña
2017	Neutro	La Niña
2018	La Niña	El Niño
2019	El Niño	Neutro
2020	Neutro	La Niña
2021	La Niña	La Niña
2022	La Niña	---

Fonte: CPC/NOAA (11/11/2021)

* Embora o ano de 2013 tenha sido, tecnicamente, de neutralidade, os índices oscilaram próximos do limiar necessário para a configuração de uma La Niña.

A segunda etapa do processo de Cenários de Semelhança Climática consiste na avaliação de cenários do histórico com base nas previsões geradas por modelos climáticos. Considerando a disponibilidade de modelos de previsão sazonal com horizonte utilizado no estudo, foi utilizado o modelo Climate Forecast System Version 2 (CFSv2), desenvolvido pelo National Centers for Environmental Prediction (NCEP) da NOAA. Particularmente para este estudo, foram utilizadas as 4 rodadas diárias deste modelo, do período de 1 a 13 de janeiro, na construção de cenários entre fevereiro e julho de 2022.

Segundo avaliações realizadas pela NOAA, utilizando previsões retrospectivas para o período de 1982 a 2009, o modelo CFSv2 com rodadas iniciais de janeiro possui maior correlação entre a chuva prevista e os dados observados de precipitação para o extremo norte do país para o período do trimestre janeiro-fevereiro-março, deixando de ter qualquer sinal significativo nos trimestres seguintes. Nas demais áreas do país, que incluem as maiores bacias do SIN, não há correlação significativa, ou seja, a previsibilidade é baixa.

Como nas previsões de curto prazo, a performance das previsões sazonais, com horizonte de semanas a meses, diminui com o horizonte da previsão. De uma maneira geral, os modelos de previsão sazonal utilizam as condições observadas e previstas de TSM para obter cenários para as estações seguintes. Dessa forma, os resultados desses modelos dependem de boas previsões de TSM e de bom conhecimento sobre como elas afetam os diferentes regimes meteorológicos e climáticos de cada região. Consequentemente, as regiões nas quais as variáveis meteorológicas são influenciadas de forma mais direta por variações de TSM tendem a ter previsibilidade relativamente superior em relação às regiões que sofrem outras formas ou níveis de influência.

As incertezas inerentes à metodologia, a não linearidades da interação oceano/atmosfera e à modelagem na escala temporal do estudo são consideradas através da seleção de cenários desfavoráveis e favoráveis, tendo como referência as premissas descritas anteriormente.

Considerando o uso dos membros do modelo CFSv2 como aproximação das perspectivas de precipitação do período do estudo, apesar de todas as limitações explicitadas anteriormente, pode-se estimar o quão plausíveis são os cenários históricos em relação à distribuição advinda deste modelo.

Para isso foi adotado um indicador que permite comparar numericamente quão similar são os anos do histórico dos cenários do modelo CFSv2. A transformação da precipitação em afluência e a obtenção da Energia Natural Afluente (ENA) equivalente das bacias e dos subsistemas atenderia esse requisito, porém a transformação chuva-vazão dos diversos cenários do modelo climático é impeditiva do ponto de vista computacional.

Dessa forma, adotou-se o indicador descrito na Equação 4-1, que pondera o percentual do déficit ou superavit da precipitação do cenário/ano do histórico de uma determinada bacia pela ENA Média de Longo Termo (MLT) da mesma bacia.

$$Indice = \frac{\sum_{i=1}^n \frac{Prec_{cenário/ano histórico}}{Prec\ média_{CFSv2/ano histórico}}}{\sum_{i=1}^n MLT_i} \quad (4-1)$$

Em que

n	número de bacias que compõe o índice
$Prec_{cenárioCFSv2/ano histórico}$	precipitação acumulada do cenário CFSv2 ou ano histórico
$Precmédiam_{CFSv2/ano histórico}$	precipitação acumulada média climatológica do CFsv2 ou do histórico
MLT	MLT da bacia i

Considerando que o índice possui valores estritamente positivos, e sua distribuição pode apresentar assimetria negativa ou positiva, bem como excesso ou falta de curtose foi utilizada a distribuição Beta Generalizada tipo II (*Generalized Beta type II – GB2*), por ser uma distribuição dotada de notável adaptabilidade, abrangendo uma série de distribuições conhecidas como seus casos particulares (ex. Gama, Weibull, Log-Normal, Pareto etc).

No estudo atual foram consideradas duas configurações do índice: a primeira composta pelas bacias dos rios Grande Paranaíba, Iguaçu e Uruguai e calha principal do rio Paraná, e a segunda composta pelas mesmas bacias da primeira configuração acrescidas das bacias dos rios São Francisco e Tocantins.

De posse de uma forma paramétrica compatível com os dados ajustados, foi possível proceder com a determinação de medidas de plausibilidade dos índices resultantes para os cenários de precipitação de anos históricos pré-selecionados (2007, 2009, 2012, 2014, 2018 e 2021). Deve ser dada ênfase a qualidade de plausibilidade, pois em se tratando de distribuições contínuas não é possível atribuir probabilidades a valores específicos.

Na Figura 4-3 e Figura 4-4 são apresentadas as localizações dos índices dos cenários obtidos utilizando a precipitação dos anos pré-selecionados em relação a distribuição para ambas as configurações do índice.

Figura 4-3: Distribuição da configuração 1 do índice e posição dos anos climatologicamente similares na distribuição

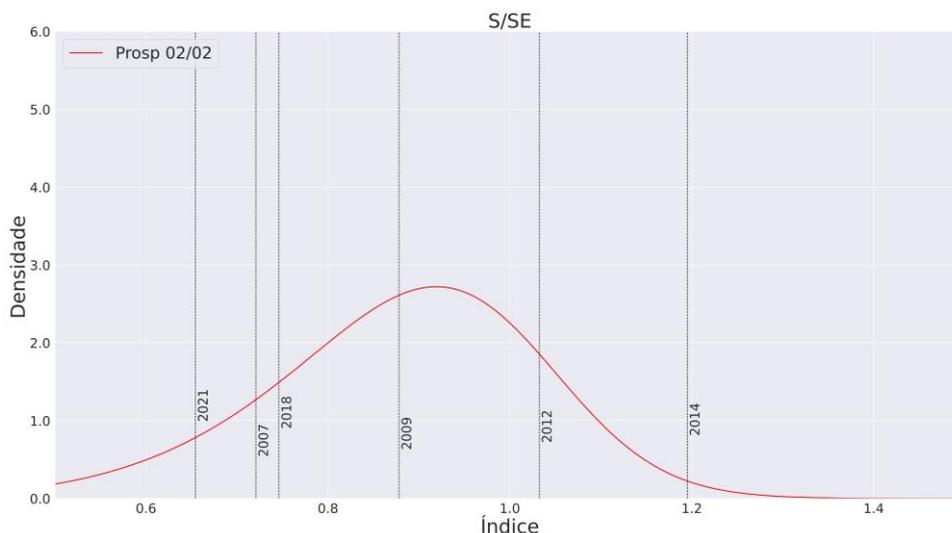
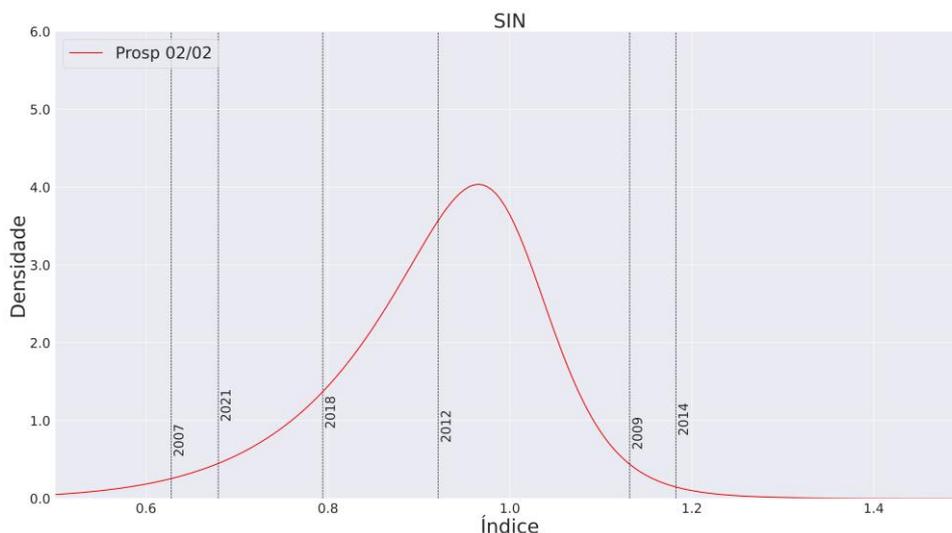


Figura 4-4: Distribuição da configuração 2 do índice e posição dos anos pré-selecionados nos Cenários de Similaridade Climática similares na distribuição



O ano 2021 deixou de ser representativo do período estudado ao se aproximar da cauda esquerda da distribuição de probabilidade, ou seja, por apresentar uma condição pluviométrica muito inferior à maioria das simulações analisadas do CFS.

Considerando todas as informações acima, e o uso dos Cenários de Semelhança Climática para fins de realização de estudo determinístico de simulação eletroenergética para o período de fevereiro/2022 a julho/2022, adotou-se os

cenários de afluências obtidos com a precipitação dos anos de 2018 e 2009 **como os mais representativos (Figura 4-5 e Figura 4-6)**, sendo o cenário de afluências obtido com a precipitação do biênio 2009 como o **mais representativo de condição de precipitação favorável**.

Figura 4-5: Distribuição da configuração 1 do índice e posição dos anos selecionados nos Cenários de Similaridade Climática

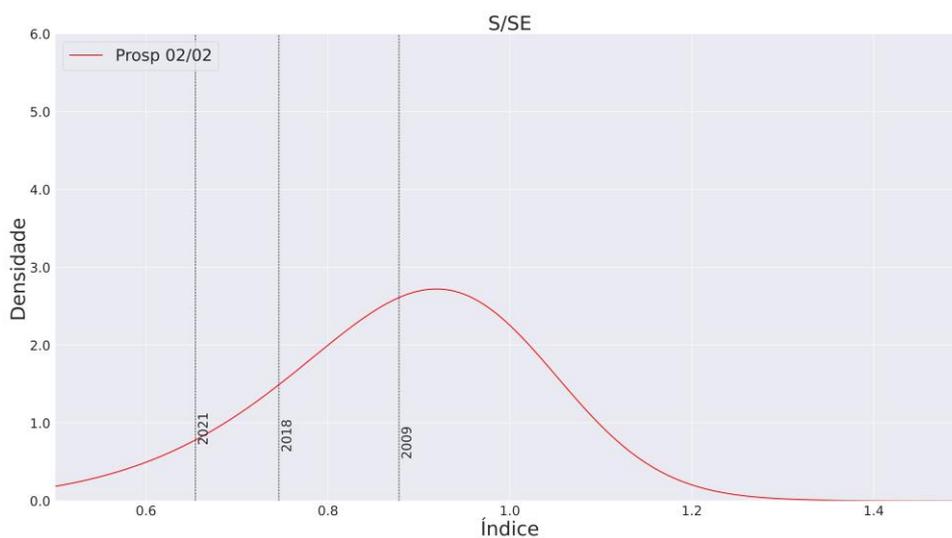
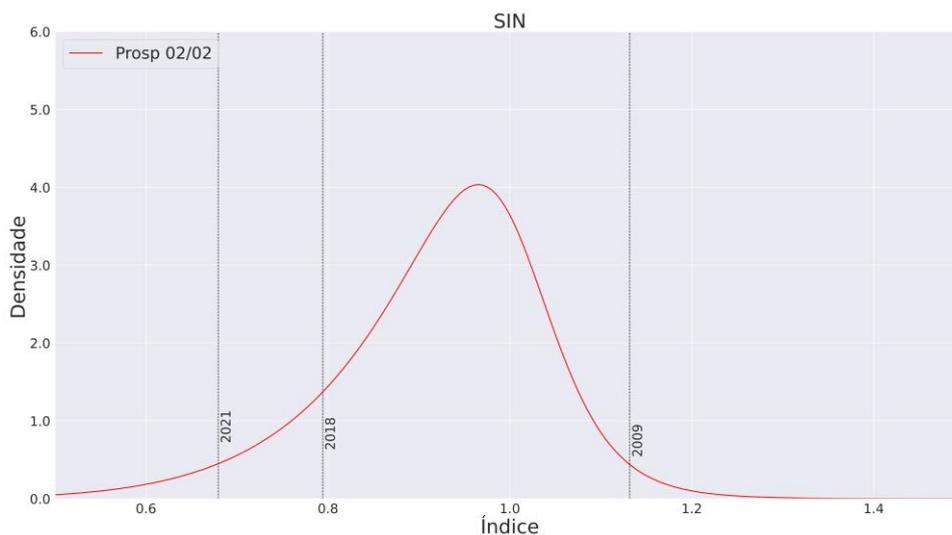


Figura 4-6: Distribuição da configuração 2 do índice e posição dos anos selecionados nos Cenários de Similaridade Climática



Cabem destacar as seguintes limitações associadas a este estudo:

- a) Previsões de modelos climáticos para a região central do país (em especial as regiões SE e CO) possuem baixa previsibilidade no horizonte de previsão sazonal;
- b) Embora disponíveis numericamente, as previsões sazonais têm baixa previsibilidade na escala temporal utilizada neste estudo, com degradação significativa da qualidade da previsão para quase todas as regiões do Brasil;
- c) Os modelos climáticos possuem suas próprias incertezas e vieses na previsão de temperatura de superfície do mar, mesmo na do Oceano Pacífico, que determina a condição do Índice ENSO;
- d) A falta de conhecimento dos erros sistemáticos e de volume de precipitação do modelo CFSv2 pode impactar os resultados;
- e) O ONS não dispõe, até então, de outros cenários de precipitação de diferentes modelos de previsão climática, o que seria desejável para ampliar o conjunto de projeções para o aprimoramento da representação da incerteza no horizonte desse estudo;
- f) O pequeno número de anos de dados observacionais e de rodadas do modelo CFSv2 usadas no estudo aumentam a incerteza na avaliação da plausibilidade dos cenários de precipitação históricos realizadas;
- g) As incertezas e viés do modelo CFSv2 não foram consideradas na avaliação da plausibilidade dos cenários de precipitação históricos; e
- h) Não há condições operacionais, por ocasião desse estudo para a geração de cenários de afluências a partir de cenários de precipitação obtido por modelo de previsão climática, como o CFSv2, para o horizonte considerado.

Para futuros estudos, recomenda-se a incorporação de mais modelos de previsão climática, a fim de aumentar a robustez do método aqui apresentado. Ademais, também se faz necessária uma análise mais aprofundada da acurácia do modelo para geração de cenários nesse horizonte.

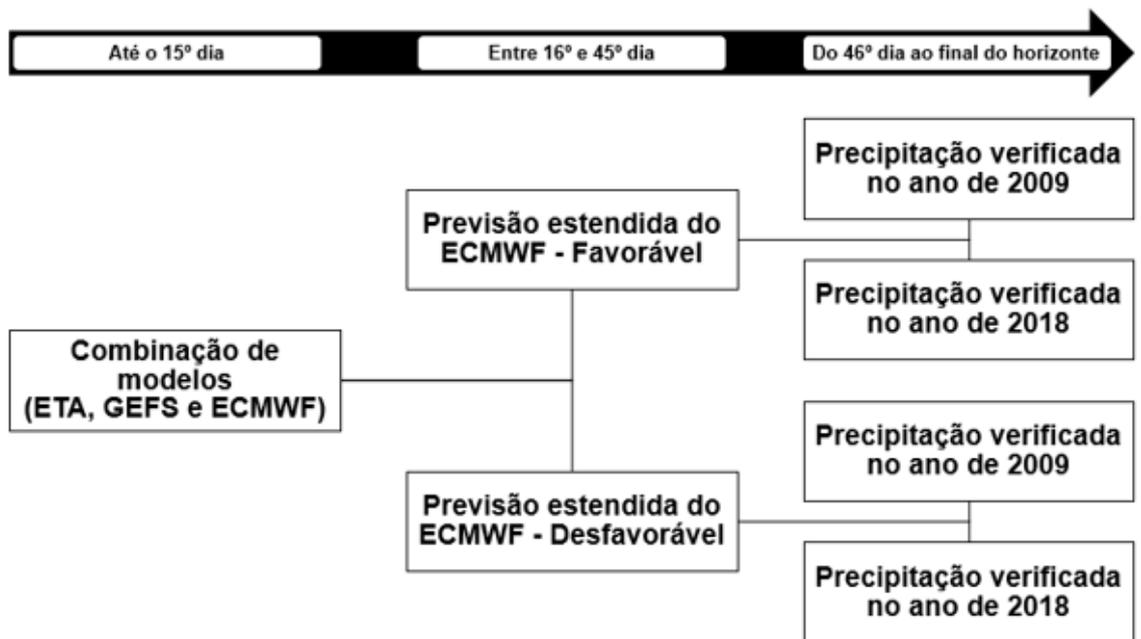
4.2 Cenários de afluências

Os cenários de afluências foram obtidos a partir do uso do modelo hidrológico SMAP/ONS, com as condições de solo e escoamento atuais, considerando cenários de previsão de precipitação, conforme especificado no item 4.1. Para a composição destes cenários, podem ser destacados os seguintes períodos:

- **Primeiros 15 dias (13/01/2022 a 27/01/2022):** a precipitação utilizada até o 15º dia corresponde à combinação de três modelos com remoção de viés (modelos ETA, GEFS e ECMWF).
- **Entre o 16º e 45º dia (28/01/2022 a 26/02/2022):** utiliza-se a previsão estendida do modelo ECMWF, considerando-se dois cenários, sendo um cenário desfavorável e um cenário favorável para o sistema como um todo.
- **Do 46º dia até o final do horizonte (27/02/2022 até 31/07/2022):** neste horizonte considera-se a precipitação observada nos anos de 2009 e 2018. Estes anos foram selecionados, conforme critérios apresentados no item 4.1, como os mais representativos em termos de precipitação com base nos Cenários de Semelhança Climática.

Assim, as informações disponíveis foram combinadas para a obtenção de quatro cenários de precipitação, conforme apresentado na Figura 4-7. Uma vez que a precipitação é a mesma para todos os cenários nos primeiros 15 dias, ressalta-se que o cenário mais desfavorável como um todo corresponde a combinação da previsão estendida do ECMWF desfavorável com a precipitação observada no ano de 2018, enquanto o cenário mais favorável corresponde a combinação da previsão estendida do ECMWF favorável com a precipitação observada no ano de 2009.

Figura 4-7: Combinação das informações para obtenção dos cenários de precipitação



Os resultados obtidos considerando-se o cenário de precipitação que combina a previsão estendida do ECMWF desfavorável com a precipitação dos anos de 2009 e ano de 2018 são apresentados, respectivamente, na Tabela 4-2 e na Tabela 4-3. Já os resultados obtidos considerando-se o cenário de precipitação que combina a previsão estendida do ECMWF favorável com a precipitação dos anos de 2009 e 2018 são apresentados na Tabela 4-4 e Tabela 4-5, respectivamente.

Tabela 4-2: Cenário de ENA (% da MLT) dos subsistemas e do SIN no período fevereiro 2022 – julho de 2022, considerando-se a combinação da previsão estendida do ECMWF desfavorável com a precipitação observada no ano 2009

Subsistemas	Fevereiro 2022	Março 2022	Abril 2022	Maió 2022	Junho 2022	Julho 2022
Sudeste / Centro-Oeste	67%	61%	75%	75%	69%	87%
Sul	34%	39%	20%	30%	34%	124%
Nordeste	145%	56%	69%	75%	85%	86%
Norte	113%	81%	89%	135%	197%	187%
SIN	83%	64%	75%	86%	87%	107%

Tabela 4-3: Cenário de ENA (% da MLT) dos subsistemas e do SIN no período fevereiro 2022 – julho de 2022, considerando-se a combinação da previsão estendida do ECMWF desfavorável com a precipitação observada no ano 2018

Subsistemas	Fevereiro 2022	Março 2022	Abril 2022	Maió 2022	Junho 2022	Julho 2022
Sudeste / Centro-Oeste	67%	65%	68%	63%	59%	58%
Sul	34%	91%	81%	38%	41%	54%
Nordeste	145%	63%	55%	63%	79%	81%
Norte	113%	80%	78%	83%	82%	92%
SIN	83%	70%	70%	66%	62%	63%

Tabela 4-4: Cenário de ENA (% da MLT) dos subsistemas e do SIN no período fevereiro 2022 – julho de 2022, considerando-se a combinação da previsão estendida do ECMWF favorável com a precipitação observada no ano 2009

Subsistemas	Fevereiro 2022	Março 2022	Abril 2022	Maió 2022	Junho 2022	Julho 2022
Sudeste / Centro-Oeste	81%	69%	83%	84%	78%	97%
Sul	106%	84%	34%	37%	39%	129%
Nordeste	147%	57%	71%	77%	88%	89%
Norte	129%	103%	109%	145%	208%	201%
SIN	100%	76%	86%	94%	95%	116%

Tabela 4-5: Cenário de ENA (% da MLT) dos subsistemas e do SIN no período fevereiro 2022 – julho de 2022, considerando-se a combinação da previsão estendida do ECMWF favorável com a precipitação observada no ano 2018

Subsistemas	Fevereiro 2022	Março 2022	Abril 2022	Mai 2022	Junho 2022	Julho 2022
Sudeste / Centro-Oeste	81%	73%	76%	72%	69%	67%
Sul	106%	148%	102%	46%	45%	56%
Nordeste	147%	65%	57%	65%	82%	83%
Norte	129%	102%	97%	94%	92%	102%
SIN	101%	83%	81%	75%	70%	70%

Na Tabela 4-6 é apresentada uma análise comparativa da ENA média obtida para o estudo prospectivo de 12 de janeiro de 2022 e para o estudo de 02 de fevereiro de 2022, considerando-se a precipitação observada em 2009, no período de fevereiro a junho (abrangido por ambos os estudos). Nesta tabela, o cenário de precipitação entre o 16º e o 45º dia do estudo do dia 02 de fevereiro corresponde ao mais desfavorável. Para o SIN como um todo, constata-se uma piora nos cenários de aflúncias, com uma redução de 2.516 MWmed na média do período. No que diz respeito as condições para os subsistemas, observou-se uma piora com relação as condições hidrológicas apresentadas no último estudo nos subsistemas Sudeste / Centro-Oeste, Sul e Norte, com uma diferença de 2.084 MWmed, 1.159 MWmed e 3.185 MWmed, respectivamente. Diferentemente dos demais, o subsistema Nordeste, apresenta condições de aflúncias mais favoráveis, com 3.912 MWmed a mais do que o estudo anterior havia expressado. Adicionalmente, ressalta-se que a sequência hidrológica para este cenário de vazões atualizado corresponde a 9ª pior sequência (fevereiro-julho) do histórico de 92 anos disponível.

Tabela 4-6: Comparação dos cenários de ENA média do período Fevereiro/2022 - Junho/2022 dos estudos prospectivos de 12/janeiro e 02/fevereiro, considerando a combinação da previsão estendida do ECMWF desfavorável com a precipitação observada no ano 2009.

ENA (MWmed e %MLT)	Fevereiro – Junho / 2022				
	Estudo 12/01		Estudo 02/02		Diferença (MWmed)
	MWmed	%MLT	MWmed	% MLT	
Sudeste / Centro-Oeste	38.787	72	36.703	68	-2.084
Sul	3.765	46	2.606	32	-1.159
Nordeste	5.243	51	9.155	89	3.912
Norte	27.195	127	24.010	112	-3.185
SIN	74.990	80	72.474	77	-2.516

Na Tabela 4-7 é apresentada uma análise comparativa da ENA média obtida para o estudo prospectivo de 12 de janeiro de 2022 e para o estudo de 02 de fevereiro de 2022, considerando-se a precipitação observada em 2018, no período de fevereiro a junho (abrangido por ambos os estudos). Nesta tabela, o cenário de precipitação entre o 16º e o 45º dia do estudo do dia 02 de fevereiro corresponde ao mais crítico. Para o SIN como um todo, constata-se uma melhora nos cenários de afluências, com um aumento de 2.214 MWmed na média do período. No que diz respeito as condições para os subsistemas, observou-se uma redução com relação as condições hidrológicas apresentadas no último estudo nos subsistemas Sul e Norte, com diferenças negativas de 463 MWmed e 1.729 MWmed, respectivamente. Por outro lado, os subsistemas Sudeste/Centro-Oeste e Nordeste, apresentam condições de afluências mais favoráveis, com diferenças positivas de 491 MWmed e 3.915 MWmed, respectivamente. Adicionalmente, ressalta-se que a sequência hidrológica para este cenário de vazões atualizado corresponde a 4ª pior sequência (fevereiro-julho) do histórico de 92 anos disponível.

Tabela 4-7: Comparação dos cenários de ENA média do período Fevereiro/2022 - Junho/2022 dos estudos prospectivos de 12/janeiro e 02/fevereiro, considerando a combinação da previsão estendida do ECMWF desfavorável com a precipitação observada no ano 2018.

ENA (MWmed e %MLT)	Fevereiro – Junho / 2022				
	Estudo 12/01		Estudo 02/02		Diferença (MWmed)
	MWmed	%MLT	MWmed	% MLT	
Sudeste / Centro-Oeste	34.508	64	34.999	65	491
Sul	4.891	60	4.428	54	-463
Nordeste	4.900	47	8.815	85	3.915
Norte	20.421	95	18.692	87	-1.729
SIN	64.720	69	66.934	72	2.214

Na Tabela 4-8 é apresentada uma análise comparativa da ENA média obtida para o estudo prospectivo de 12 de janeiro de 2022 e para o estudo de 02 de fevereiro de 2022, considerando-se a precipitação observada em 2009, no período de fevereiro a junho (abrangido por ambos os estudos). Nesta tabela, o cenário de precipitação entre o 16º e o 45º dia do estudo do dia 02 de fevereiro corresponde ao mais favorável. Para o SIN como um todo, constata-se uma melhora nos cenários de afluências, com um aumento de 8.921 MWmed na média do período. No que diz respeito as condições para os subsistemas, observou-se uma melhora com relação as condições hidrológicas apresentadas no último estudo para todos os subsistemas. Adicionalmente, ressalta-se que a sequência hidrológica para este cenário de vazões

atualizado corresponde a 35ª pior sequência (fevereiro-julho) do histórico de 92 anos disponível.

Tabela 4-8: Comparação dos cenários de ENA média do período Fevereiro/2022 - Junho/2022 dos estudos prospectivos de 12/janeiro e 02/fevereiro, considerando a combinação da previsão estendida do ECMWF favorável com a precipitação observada no ano 2009.

ENA (MWmed e %MLT)	Fevereiro – Junho / 2022				
	Estudo 12/01		Estudo 02/02		Diferença (MWmed)
	MWmed	%MLT	MWmed	% MLT	
Sudeste / Centro-Oeste	38.787	72	42.139	79	3.352
Sul	3.765	45	4.826	59	1.061
Nordeste	5.243	51	9.366	91	4.123
Norte	27.195	127	27.850	129	655
SIN	74.990	80	83.911	90	8.921

Na Tabela 4-9 é apresentada uma análise comparativa da ENA média obtida para o estudo prospectivo de 12 de janeiro de 2022 e para o estudo de 02 de fevereiro de 2022, considerando-se a precipitação observada em 2018, no período de fevereiro a junho (abrangido por ambos os estudos). Nesta tabela, o cenário de precipitação entre o 16º e o 45º dia do estudo do dia 02 de fevereiro corresponde ao mais favorável. Para o SIN como um todo, constata-se uma melhora nos cenários de afluições, com um aumento de 13.961 MWmed na média do período. No que diz respeito as condições para os subsistemas, observou-se uma melhora com relação as condições hidrológicas apresentadas no último estudo em todos os subsistemas. Adicionalmente, ressalta-se que a sequência hidrológica para este cenário de vazões atualizado corresponde a 12ª pior sequência (fevereiro-julho) do histórico de 92 anos disponível.

Tabela 4-9: Comparação dos cenários de ENA média do período Fevereiro/2022 - Junho/2022 dos estudos prospectivos de 12/janeiro e 02/fevereiro, considerando a combinação da previsão estendida do ECMWF favorável com a precipitação observada no ano 2018.

ENA (MWmed e %MLT)	Fevereiro – Junho / 2022				
	Estudo 12/01		Estudo 02/02		Diferença (MWmed)
	MWmed	%MLT	MWmed	% MLT	
Sudeste / Centro-Oeste	34.508	64	40.453	75	5.945
Sul	4.891	60	6.909	84	2.018
Nordeste	4.900	47	9.028	87	4.128
Norte	20.421	95	22.292	104	1.871
SIN	64.720	69	78.681	84	13.961

4.3 Carga de Energia

Com relação a carga de energia, neste estudo foi atualizada de modo a incorporar as informações mais recentes do PMO. Para pronta referência, a Tabela 4-10, a seguir, apresenta a carga de energia considerada no estudo.

Tabela 4-10: Carga de Energia do período fevereiro/2022 a julho/2022

Carga de Energia [MWmed]	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho
Sudeste / Centro-Oeste	43.174	42.896	41.682	39.477	38.692	38.353
Sul	13.678	13.066	12.467	11.720	11.819	11.812
Nordeste	12.042	12.014	11.826	11.699	11.208	10.974
Norte	6.057	6.185	6.205	6.297	6.274	6.253
SIN	74.951	74.161	72.180	69.193	67.993	67.392

4.4 Geração das Usinas Não Simuladas Individualmente

Com relação à previsão de geração das usinas não simuladas individualmente, para a fonte solar (UFVs) foi utilizado o próprio dado do PMO de fevereiro/2022, calculado conforme Resolução Normativa Nº 843/2019. Para as fontes hidráulica (PCHs) e térmica (PCTs), foi aplicado um fator de redução de 25% sobre o dado do PMO de fevereiro/2022.

Entretanto, a estimativa da geração futura para a fonte eólica está sendo realizada de forma distinta das demais fontes. De acordo com a Resolução ANEEL

843/2019, a estimativa de geração das usinas não simuladas é realizada através da adoção da média verificada do fator de capacidade dos últimos 5 anos para as usinas existentes. Em relação as usinas futuras, cujo histórico de geração ainda não está disponível, utiliza-se um fator de capacidade médio do Subsistema para estimativa dessa geração. Dessa forma, independentemente de sua localização (litoral ou interior), o fator adotado é o mesmo para o Nordeste inteiro, que não traduz o comportamento da geração verificada. A geração eólica prevista através desta metodologia nos últimos 3 anos, superestimou a geração do primeiro semestre. Porém, em 2021 a geração do primeiro semestre foi subestimada. Tal situação motivou o desenvolvimento de uma metodologia alternativa para mitigação desses problemas.

A metodologia desenvolvida consiste num mecanismo de correção das previsões da Resolução Normativa Nº 843/2019. Este modelo considera para a primeira semana as previsões do WEOL (modelo atual das previsões para o DESSEM) e para as demais semanas faz um ajuste da estimativa da Resolução ANEEL 843/2019, considerando duas etapas de correção: (i) através dos valores verificados calculam-se os erros de previsão mais recentes, em seguida ajustam-se as previsões por um processo de decaimento exponencial, com maiores pesos (associados aos erros) nos primeiros passos de previsão; (ii) utilização das previsões do WEOL na primeira semana, com aplicação de outro processo de decaimento exponencial para segunda semana em diante, considerando as previsões do WEOL+R843. Em suma, a metodologia atual faz uma correção das previsões mais recentes, considerando os valores verificados e o modelo WEOL. No final do horizonte, as previsões tendem à estimativa da Resolução ANEEL 843/2019.

4.5 Restrições Operativas Hidráulicas

Com relação às restrições operativas hidráulicas, foram considerados o atendimento à regulamentação e às restrições hidráulicas vigentes, notadamente o “Protocolo de Compromisso Nº 01/2021”, para o reenchimento do reservatório da UHE Ilha Solteira, e o “Plano de Contingência para a Recuperação de Reservatórios do Sistema Interligado Nacional – dezembro/ 2021 a abril/2022”, elaborado pela Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA), e cujas ações indicadas foram formalizadas com a promulgação das seguintes resoluções:

- Resolução ANA Nº 108, de 19/11/2021, que dispõe sobre condições temporárias para operação dos reservatórios de Emborcação e Itumbiara, no rio Paranaíba;
- Resolução ANA Nº 110, de 23/11/2021, que dispõe sobre condições de operação temporárias complementares às outorgas dos reservatórios de Furnas e Marechal Mascarenhas de Moraes, no rio Grande; e
- Resolução ANA Nº 111, de 29/11/2021, que dispõe sobre as recomendações de operação de reservatórios para operacionalização do Plano de Contingência da ANA para a Recuperação de Reservatórios do Sistema Interligado Nacional.

Destacam-se, também, as seguintes premissas de defluências nas usinas do trecho baixo do rio Paraná:

- UHE Jupia: 3.300 m³/s para fevereiro/2022; 2.500 m³/s para março/2022; e 2.300m³/s para os meses de abril até julho/2022.
- UHE Porto Primavera: 3.900 m³/s para fevereiro/2022; 3.100 m³/s para março/2022; e 2.900m³/s para os meses de abril até julho/2022.

4.6 Disponibilidade Térmica

Durante o mês de dezembro/2021, o ONS solicitou aos agentes de geração, através da carta CTA-ONS DOP 2607/2021, enviada em 3 de dezembro de 2021, informações relativas ao cronograma de manutenção e disponibilidade de geração ao longo do ano de 2022. Tais informações foram recebidas até o final de dezembro e a consolidação ocorreu em janeiro, de forma que estas informações pudessem ser incorporadas nos estudos prospectivos a partir de fevereiro.

Saliente-se que o ONS vem realizando um estrito acompanhamento junto aos agentes de geração que operam as usinas que vem sendo comandadas para despacho por garantia energética, conforme as autorizações recentes do CMSE. Desta forma, minimiza-se a retirada de unidades geradoras destas usinas para

manutenção, respeitando aquelas que devidamente comprovaram o risco para equipamentos e/ou pessoas, se não realizados os serviços solicitados.

Em função deste acompanhamento, e das providências acerca das medidas para aumento da disponibilidade energética, o ONS vem atualizando a cada estudo prospectivo a disponibilidade térmica a ser considerada.

Ademais, como forma de mitigação dos efeitos da pior crise hídrica dos últimos 91 anos, a Câmara de Regras Excepcionais para Gestão Hidroenergética (CREG) determinou a contratação de energia de reserva por meio do Procedimento Competitivo Simplificado (PCS) nº 1/2021-ANEEL para o período 01/05/2022 a 31/12/2025. Em reunião do DMSE, realizada no dia 20/01/2022, constatou-se a postergação do início de operação de empreendimentos contratados por meio do PCS. O presente estudo adotou as novas datas de tendência definidas nessa reunião e que também foram consideradas no PMO de fevereiro de 2022.

Neste sentido, tomando por base a configuração do Programa Mensal de Operação (PMO) de fevereiro de 2022, este estudo considerou o seguinte cenário de aumento da disponibilidade térmica, conforme listado na Tabela 4-11.

Tabela 4-11: Aumento da Disponibilidade Energética (MWmed)

Oferta Adicional [MWmed]	FEV/22-MAR/22	ABR/22	MAI/22-JUN/22	JUL/22
Importação	0	0	0	0
Merchant	754	160	0	0
CUIABA	480	160	0	0
URUGUAIANA (PRT 17)	0	0	0	0
TERMONORTE 1 (PRT 17)	64 Inflexível	0	0	0
TERMONORTE 2 (PRT 17)	210 Inflexível	0	0	0
Problemas Judiciais	360	360	360	360
GOIANIA II	120	120	120	120
PALMEIRAS GO	50	50	50	50
CAMPINA GD	130	130	130	130
MARACANAU	60	60	60	60
Combustível	160	160	160	160
TERMOCEARA	160	160	160	160
PCS [MW]	0	0	603	774
UTEs	0	0	560	731
PCTs	0	0	32,5	32,5
UFVs	0	0	10,5	10,5
TOTAL	1.274	680	1.123	1.294

Obs.: O PCS está indicado como disponibilidade.

4.7 Geração Mínima da UHE Itaipu

A geração mínima da UHE Itaipu depende de fatores tais como: requisito mínimo de unidades geradoras sincronizadas, potência mínima por unidade geradora, intercâmbio Itaipu/ANDE e requisito mínimo de intercâmbio Itaipu/Furnas.

Para o estudo apresentado nesta Nota Técnica, são considerados os requisitos apresentados na Figura 4-8, a seguir.

Figura 4-8: Geração Mínima de Itaipu



Ressalta-se que os valores mínimos no sistema de 50 Hz são definidos para manter a regulação de frequência deste sistema, enquanto os valores mínimos no sistema 60 Hz são definidos de modo a evitar o risco de autoexcitação da usina.

4.8 Intercâmbio N-NE / SE-CO

O critério de planejamento da operação, conforme Procedimentos de Rede, considera perdas simples (N-1) e perdas duplas (N-2). Até o mês de novembro/2021, estava sendo adotado o critério de operação denominado “critério N-1” para as LT 500 kV Tucuruí-Xingu C1 e C2, e para os Bipolos Xingu-Estreito e Xingu-Terminal Rio até o final de novembro/2021. Neste critério a determinação dos limites de intercâmbios são estabelecidos a partir de eventos onde ocorra a perda de um elemento por vez (N-1). No entanto, a partir de dezembro/2021 a

operação do Sistema Interligado Nacional retornou às condições de operação conforme Procedimentos de Rede, ou seja, perdas duplas (N-2).

Ressalta-se que, como premissa de estudo, não foi considerada a entrada em operação de obras previstas que trazem impacto aos limites de intercâmbio no horizonte do estudo. O objetivo desta premissa é obter resultados mais conservadores, principalmente devido às incertezas e volatilidade das previsões para entrada das obras. Não obstante, é importante informar que o MME, ANEEL e ONS vêm atuando a fim de viabilizar e antecipar a entrada em operação das obras que impactam os limites.

Assim, os limites de intercâmbio considerados para esse estudo estão conforme Tabela 4-12, a seguir.

Tabela 4-12: Limites de Intercâmbio de fevereiro/2022 a julho/2022 (critério N-2)

Fluxo	Representação Energética	Limites (MW)					
		Fev/22	Mar/22	Abr/22	Mai/22	Jun/22	Jul/22
FNESE	NE→SE	3.600	3.600	3.600	3.600	5.000	5.000
FNEN	NE→FC	6.000	6.000	6.000	6.000	6.000	6.000
EXPNE	NE→FC + NE→SE	11.000	11.000	11.000	11.000	11.000	11.000
FNS	FC→SE + (Geração das UHE Peixe Angical e Lajeado)	3.300	3.300	3.300	3.200	4.100	4.100
FNS+FNESE	FC→SE + (Geração das UHE Peixe Angical e Lajeado) + NE→SE	6.200	6.200	6.200	6.200	8.800	8.800
FTUXG	- N→FC + Geração Norte - Carga Norte + FC→N	2.700	2.700	2.700	2.700	1.500	1.500
Bipolos Xingu	N→SE	8.000	8.000	8.000	8.000	5.000	5.000
EXP Norte CA	N→FC	5.900	5.900	5.900	5.900	5.900	5.900

4.9 Casos Simulados

Considerando as premissas apresentadas anteriormente, os casos simulados consideram como premissa o atendimento ao “Plano de Contingência para a Recuperação de Reservatórios do Sistema Interligado Nacional – dezembro/2021 a abril/2022”, formalizado pela ANA através da Resolução ANA Nº 108, de 19/11/2021, Resolução ANA Nº 110, de 23/11/2021 e Resolução ANA Nº 111, de 29/11/2021, priorizando assim a preservação dos estoques nos reservatórios de cabeceiras, assim como o atendimento ao “Protocolo de Compromisso Nº 1/2021”, firmado entre ANA, Rio Paraná energia S/A (RPESA) e ONS, que tem como objetivo a recuperação do nível mínimo normal operativo do reservatório da usina hidroelétrica de Ilha Solteira.

As simulações consideraram dois dos quatro cenários de vazões que foram apresentados no item 4.2 desta nota técnica, de forma a considerar os limites inferior e superior dos quatro cenários construídos, sendo o primeiro a partir da chuva mais desfavorável prevista para os 45 primeiros dias e nas chuvas observadas no ano de 2018 para os demais dias do horizonte avaliado (condição desfavorável para o SIN), e o segundo a partir da chuva mais favorável prevista para os 45 primeiros dias e das chuvas do ano de 2009 para o restante do período (condição favorável para o SIN).

Com relação a geração termelétrica, foi considerada a limitação, no mês de fevereiro, do despacho de usinas térmicas com CVU até 600 R\$/MWh.

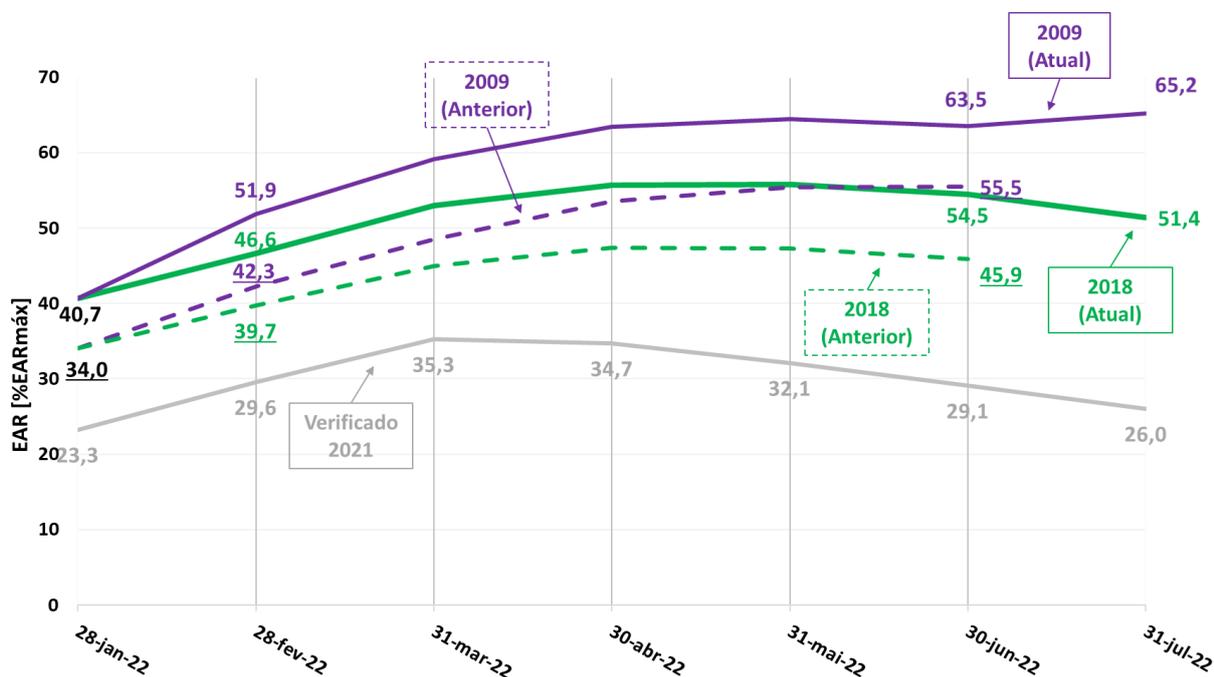
5 Resultados da Simulação Energética

O estudo prospectivo anterior, apresentado na NT-ONS DGL 0011/2022, contemplou o horizonte de janeiro/2022 a junho/2022. O atual estudo considera horizonte de fevereiro/2022 a julho/2022. Nesta seção são apresentados os principais resultados das simulações energéticas do estudo atual para dois dos quatro cenários de afluências que foram apresentados no item 4.2 deste documento: (i) limite inferior para o SIN: aquele baseado na chuva mais desfavorável prevista para os 45 primeiros dias e nas chuvas observadas no ano de 2018 para os demais dias do horizonte avaliado; e (ii) limite superior para o SIN: aquele baseado na chuva mais favorável prevista para os 45 primeiros dias e nas chuvas observadas 2009 para o restante do período. As trajetórias de armazenamento obtidas no estudo atual são comparadas com aquelas do estudo anterior.

Os resultados das novas prospecções apresentados a seguir tiveram como premissa o atendimento ao “Plano de Contingência para a Recuperação de Reservatórios do Sistema Interligado Nacional – dezembro/2021 a abril/2022”, formalizado pela ANA através da Resolução ANA Nº 108, de 19/11/2021, Resolução ANA Nº 110, de 23/11/2021 e Resolução ANA Nº 111, de 29/11/2021, priorizando assim a preservação dos estoques nos reservatórios de cabeceiras, assim como o atendimento ao “Protocolo de Compromisso Nº 1/2021”, firmado entre ANA, Rio Paraná energia S/A (RPESA) e ONS, que tem como objetivo a recuperação do nível mínimo normal operativo do reservatório da usina hidroelétrica de Ilha Solteira.

A Figura 5-1, a seguir, apresenta a evolução temporal da energia armazenada final para o subsistema Sudeste/Centro-Oeste, considerando os cenários de afluências baseados nas chuvas observadas no ano de 2009 (curva roxa) e no ano de 2018 (curva verde). As curvas cheias dizem respeito aos resultados do estudo atual, e as curvas pontilhada dizem respeito ao estudo anterior. Adicionalmente, é apresentada na cor cinza a trajetória de armazenamento verificada no ano de 2021.

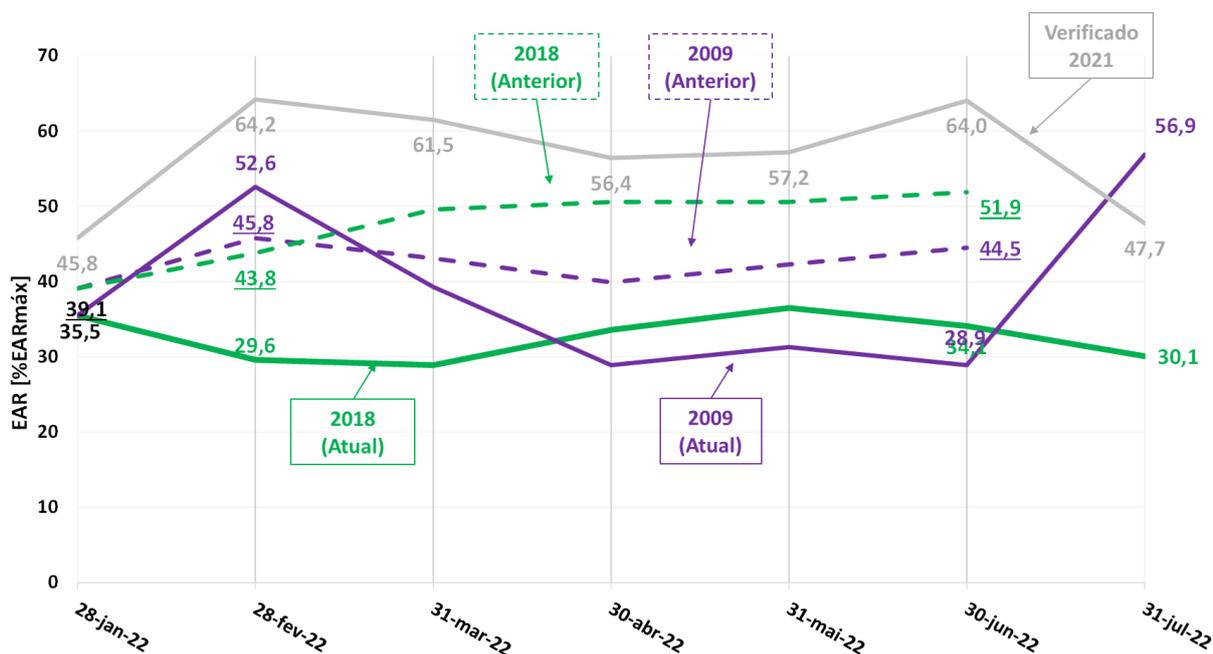
Figura 5-1: Energia Armazenada Final (%EARmáx) – SE/CO



Os resultados apresentados na Figura 5-1, anterior, mostram que as trajetórias de armazenamento do estudo atual são superiores às do estudo anterior. Para o cenário baseado nas chuvas do ano de 2018 chega-se ao final de junho/2022 com 54,5%EARmáx, cerca de 8,6 pontos percentuais acima do valor do estudo anterior, e ao final de julho com 51,4%EARmáx. Para o cenário baseado nas chuvas do ano de 2009, atinge-se 65,2%EARmáx ao final de julho/2022. Ainda, os níveis prospectados são superiores aos níveis verificados no ano de 2021 em todos os meses.

A Figura 5-2, a seguir, apresenta a evolução temporal da energia armazenada final para o subsistema Sul.

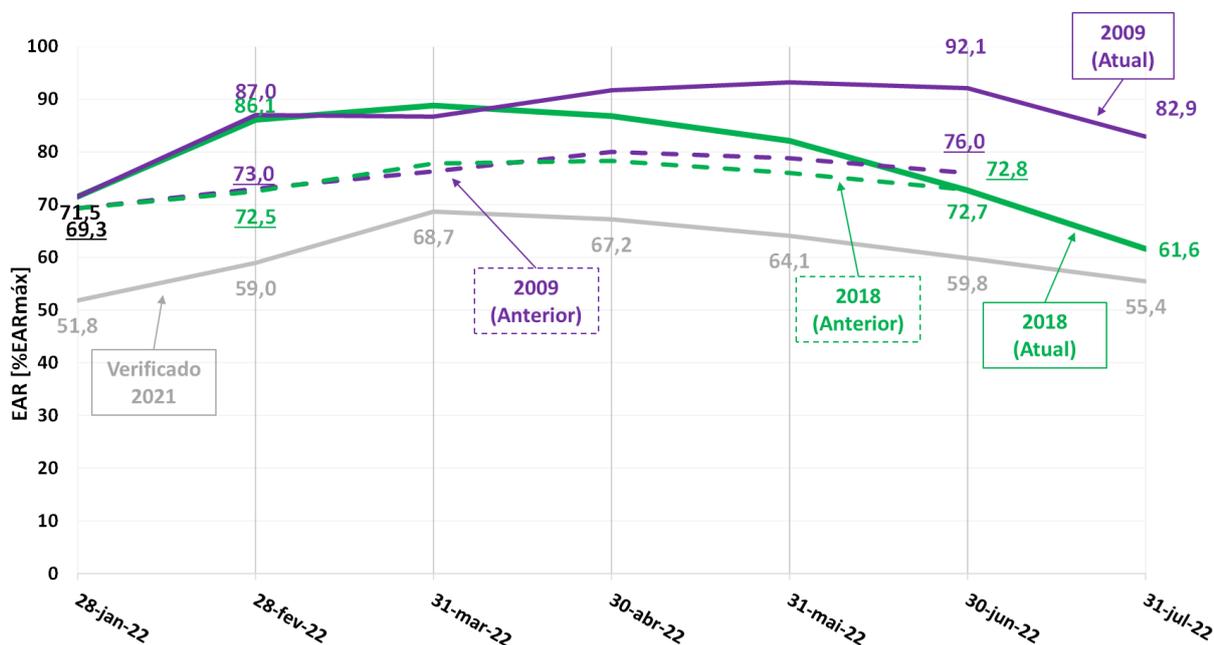
Figura 5-2: Energia Armazenada Final (%EAR_{máx}) – Sul



Os resultados apresentados na Figura 5-2, anterior, mostram que as trajetórias de armazenamento equivalente do subsistema Sul no estudo atual são inferiores à do estudo anterior. Para o cenário que considera as chuvas do ano de 2018, chega-se ao final de junho/2022 com 34,1%EAR_{máx}, cerca de 17,8 pontos percentuais abaixo do nível obtido no estudo anterior, e ao final de julho/2022 com 30,1%EAR_{máx}. Já para o cenário baseado nas chuvas do ano de 2009, o nível alcançado ao final do horizonte é de 56,9%EAR_{máx}. Ainda, os níveis prospectados são inferiores aos níveis verificados no ano de 2021, com exceção do mês de julho no cenário baseado nas chuvas de 2009.

A Figura 5-3, a seguir, apresenta a evolução temporal da energia armazenada final para o subsistema Nordeste.

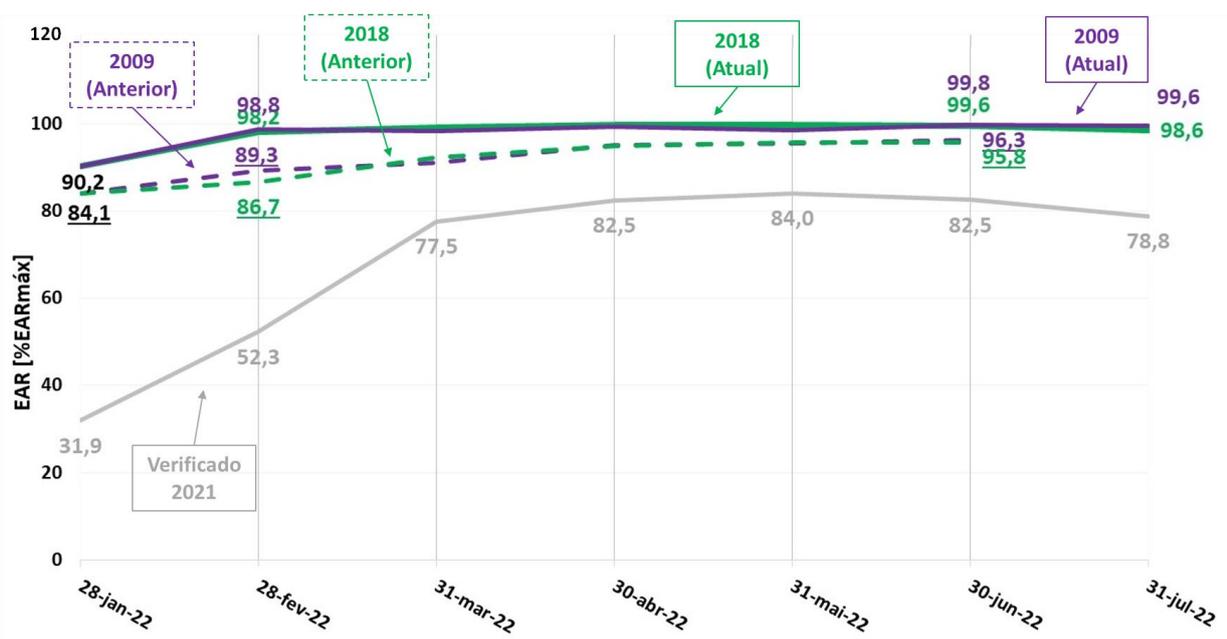
Figura 5-3: Energia Armazenada Final (%EAR_{máx}) – Nordeste



Os resultados apresentados na Figura 5-3, anterior, mostram que para o subsistema Nordeste, a prospecção atual considerando o cenário de chuvas de 2018 apresenta, inicialmente, trajetória de armazenamento superior à da prospecção anterior, porém ao final de junho/2022 os níveis praticamente se igualam. Ao final de julho/2022 o nível da prospecção atual é de 61,6%EAR_{máx}. Para o cenário baseado nas chuvas de 2009, a trajetória da prospecção atual é sempre superior à da prospecção anterior, chegando ao final de junho/2022 com uma diferença de cerca de 16 pontos percentuais. Ao final de julho/2022, o nível de armazenamento é de 82,9%EAR_{máx}. Ainda, os níveis prospectados são superiores aos níveis verificados no ano de 2021 em todos os meses.

A Figura 5-4, a seguir, apresenta a evolução temporal da energia armazenada final para o subsistema Norte.

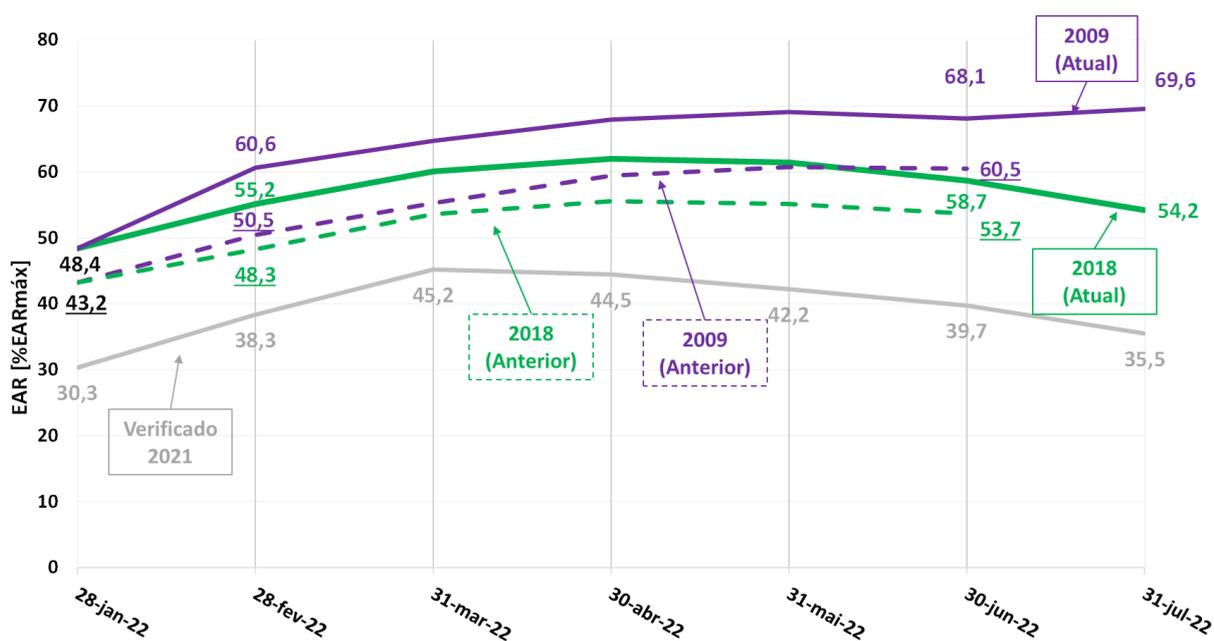
Figura 5-4: Energia Armazenada Final (%EARmáx) – Norte



Os resultados apresentados na Figura 5-4, anterior, mostram que, para ambos os cenários, o nível da prospecção atual é sempre superior ao da prospecção anterior, chegando-se ao final de julho/2022 com 98,6%EARmáx no cenário baseado nas chuvas de 2018 e com 99,6%EARmáx no cenário baseado nas chuvas de 2009. Ainda, os níveis prospectados são superiores aos níveis verificados no ano de 2021 em todos os meses.

A Figura 5-5, a seguir, apresenta a evolução temporal da energia armazenada final no SIN, construída a partir das trajetórias dos subsistemas.

Figura 5-5: Energia Armazenada Final (%EARmáx) – SIN



Os resultados da Figura 5-5, anterior, mostram trajetórias de armazenamento do estudo atual superiores às da prospecção anterior. Ao final de julho/2022 o armazenamento equivalente do SIN é de 54,2%EARmáx e 69,6%EARmáx, respectivamente, para os cenários que consideram as chuvas do ano de 2018 e do ano de 2009. Ainda, para todos os meses, os níveis prospectados são superiores aos verificados em 2021.

Na Tabela 5-1, a seguir, são apresentados os percentuais de uso da disponibilidade termoelétrica do SIN e dos subsistemas Sul e Sudeste/Centro-Oeste resultantes da simulação, para os dois cenários de aflúências considerados.

Tabela 5-1: Uso da Disponibilidade Termoelétrica (SIN e SE/CO + Sul), em % do máximo

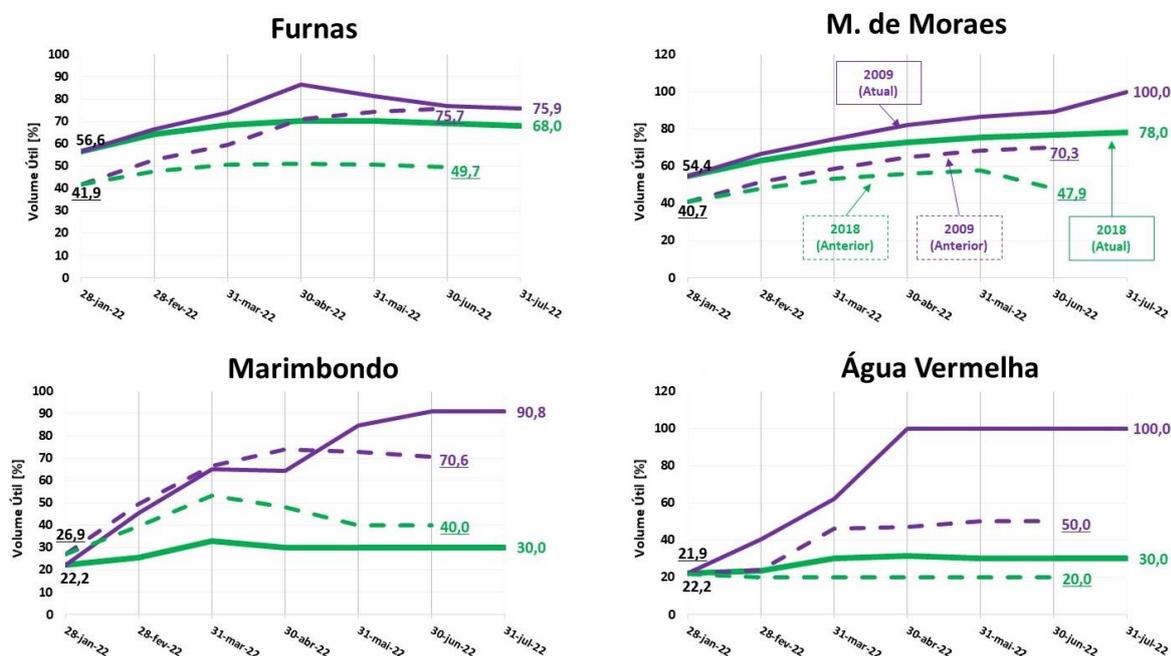
Uso da Disp. S+SE/CO	Fev/22	Mar/22	Abr/22	Mai/22	Jun/22	Jul/22	Média
2009	8.919 73%	3.860 35%	3.257 32%	3.058 28%	3.235 31%	3.882 36%	4.368
2018	9.204 75%	9.115 82%	7.538 73%	7.318 67%	7.078 69%	7.642 72%	7.982

Uso da Disp. SIN	Fev/22	Mar/22	Abr/22	Mai/22	Jun/22	Jul/22	Média
2009	10.011 47%	4.884 26%	4.251 23%	4.064 22%	4.733 26%	5.456 29%	5.566
2018	10.303 49%	10.168 54%	9.239 50%	10.372 55%	11.595 63%	12.702 67%	10.730

Da Tabela 5-1 anterior, verifica-se que para o mês de fevereiro/2022 o uso da disponibilidade térmica dos subsistemas Sudeste/Centro-Oeste e Sul é superior a 70% em ambos os cenários. A partir de março/2022, o uso desta disponibilidade é sempre superior a 65% para o cenário baseado nas chuvas de 2018, porém se reduz para valores próximos a 30% para o cenário baseado nas chuvas do ano de 2009.

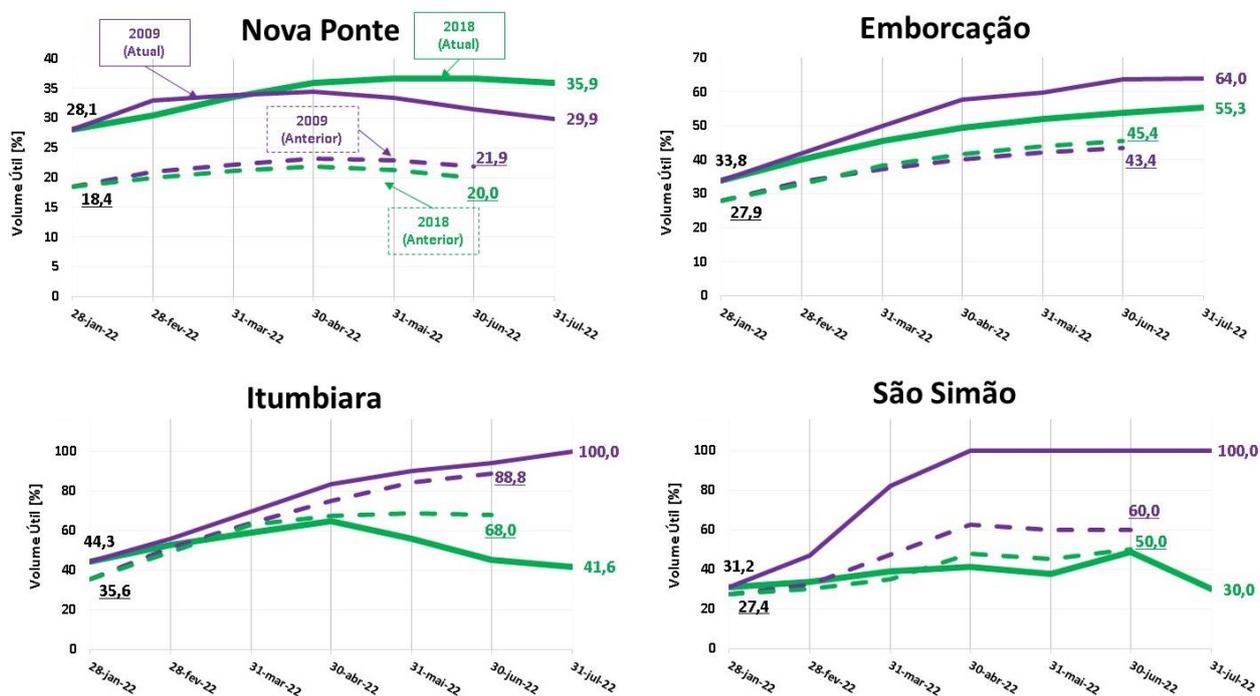
A Figura 5-6, a Figura 5-7 e a Figura 5-8, a seguir, apresentam as evoluções dos níveis de armazenamento de alguns dos principais reservatórios do sistema, para os dois cenários de afluências considerados.

Figura 5-6: Volume Útil dos Principais Reservatórios da Bacia do Rio Grande



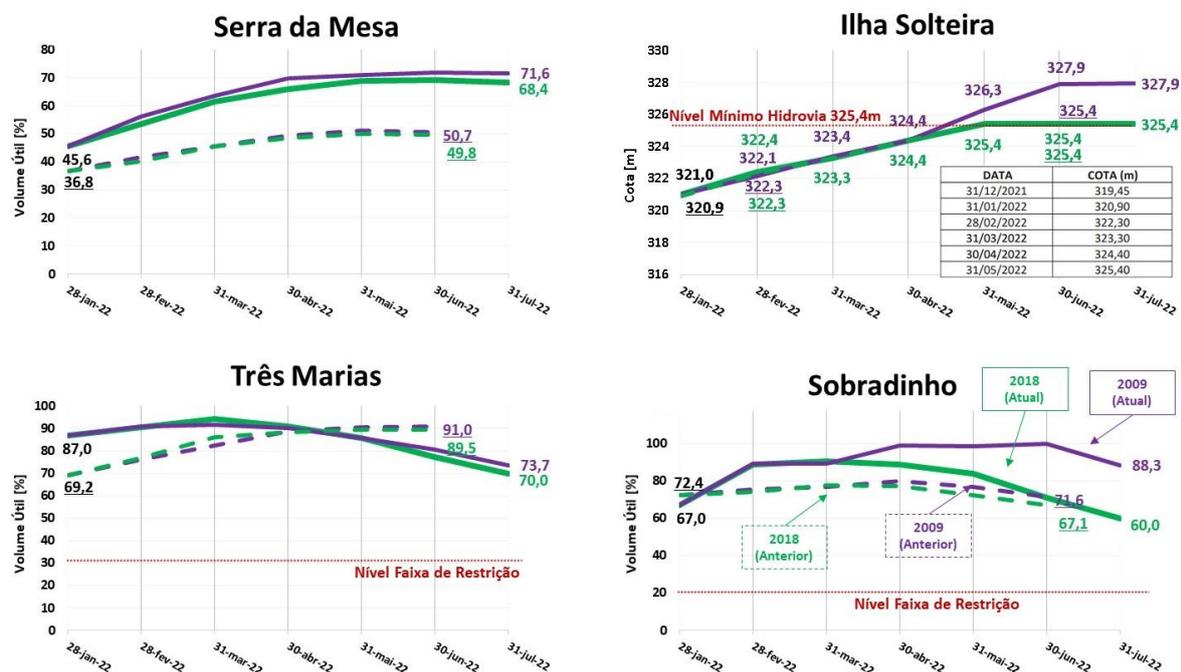
Com base nos resultados apresentados na Figura 5-6, anterior, verifica-se um aumento na maioria dos armazenamentos das UHEs da bacia do Rio Grande, quando comparado com a prospecção do estudo anterior, ficando apenas a UHE Marimbondo abaixo para o cenário com chuvas de 2018. A UHE Furnas chega ao final de julho/2022 com 68%V.U. no cenário que considera as chuvas do ano de 2018, e com 75,9%V.U. no cenário que considera chuvas do ano de 2009. A UHE Mascarenhas de Moraes termina o mês de julho/2022 com 78%V.U. e 100%V.U., respectivamente, nos cenários baseados nas chuvas de 2018 e 2009. A UHE Marimbondo atinge 30,0%V.U. ao final de julho/2022 para o cenário de chuvas do ano de 2018 e 90,8%V.U. para o cenário baseado nas chuvas de 2009. A UHE Água Vermelha termina o mês de julho/2022 com 30,0%V.U. quando se considera repetição das chuvas de 2018, e com 100,0%V.U. para as chuvas do ano de 2009.

Figura 5-7: Volume Útil dos Principais Reservatórios da Bacia do Rio Paranaíba



Conforme ilustrado na Figura 5-7, anterior, para a bacia do rio Paranaíba as trajetórias de enchimento do estudo atual também são, em sua maioria, superiores às do estudo anterior, com exceção das UHEs Itumbiara e São Simão para o cenário de chuvas de 2018. O reservatório da UHE Nova Ponte chega ao final de julho/2022 com 35,9%V.U. no cenário que considera repetição das chuvas de 2018, e com 29,9%V.U. no cenário de chuvas do ano de 2009. A UHE Emborcação atinge 55,3%V.U. e 64,0%V.U., respectivamente, para os cenários baseados nas chuvas de 2018 e 2009. A UHE Itumbiara termina o mês de julho/2022 com 41,6%V.U. e 100,0%V.U. para os cenários baseados nas chuvas de 2018 e 2009, respectivamente, enquanto a UHE São Simão alcança os níveis de 30,0%V.U. e 100%V.U. para os mesmos cenários.

Figura 5-8: Volume Útil dos Reservatórios de Serra da Mesa, Ilha Solteira, Três Marias e Sobradinho



Da Figura 5-8, anterior, verifica-se que o nível de armazenamento das UHEs Serra da Mesa e Três Marias atingem valores da ordem de 70,0%V.U. ao final de julho/2022, em ambos os cenários. A trajetória de enchimento do reservatório da UHE Ilha Solteira satisfaz o Protocolo de Compromisso N° 1/2021⁵, permitindo o retorno às condições normais para operação da hidrovia Tietê-Paraná ao final de maio/2022. A UHE Sobradinho obteve valores de 60,0% V.U. e 88,3% V.U. em julho/2022 para os cenários de chuva de 2018 e 2009, respectivamente.

⁵ Cujos valores pactuados se encontram na tabela que consta na Figura 5-8.

6 Resultados do Balanço de Potência

Em adição às análises prospectivas energéticas apresentadas anteriormente, foi avaliado o atendimento dos requisitos de potência do sistema através de um balanço de potência prospectivo, considerando as condições e resultados prospectados na avaliação energética (previsões de vazão, evolução dos níveis dos reservatórios e geração térmica).

Nestas avaliações, são confrontados os requisitos de demanda com as disponibilidades de potência das diversas fontes de energia que compõem o SIN.

Com relação aos requisitos de demanda, considera-se uma curva de carga diária típica para cada mês/subsistema (24 horas), obtida a partir do comportamento histórico recente, que quando conjugada com a projeção de demanda máxima instantânea resulta na curva de carga a ser atendida para cada mês do estudo. A reserva de potência operativa é incorporada à esta curva de carga, considerando inclusive a parcela para fazer face à variabilidade da geração eólica, conforme Relatório RT-ONS DPL 0325-2021 – Estimativa da Reserva de Potência Operativa para o Ano de 2022.

Com relação às disponibilidades de potência dos empreendimentos hidrelétricos despacháveis, estas são obtidas através de simulações hidrotérmicas com o modelo SUIISHI, que fornecem as potências disponíveis revisadas (acrônimo PDISPR). Desta forma, captura-se a variação da disponibilidade de potência em função da altura de queda e da vazão disponível para turbinamento.

Especificamente para as UHEs da bacia do rio São Francisco e para a UHE Itaipu, não são utilizadas as potências disponíveis revisadas fornecidas pelo SUIISHI, e sim restrições de modulação, conforme Tabela 6-1 e Tabela 6-2, a seguir.

Tabela 6-1: Tabela de Modulação das UHEs da Bacia do São Francisco

	Defluência Média Mensal em Xingó					
	800 m³/s	1.000 m³/s	1.300 m³/s	1.500 m³/s	1.800 m³/s	>2.500 m³/s
Sobradinho [MW]	200	300	350	440	505	620
Itaparica [MW]	660	1.000	1.300	1.360	1.360	1.360
Comp. P Afonso [MW]	917	1.900	2.450	2.450	2.830	3.400
Xingo [MW]	1.050	1.600	2.250	2.550	2.750	3.050

Tabela 6-2: Tabela de Modulação da UHE Itaipu

Defluência Média Mensal em Itaipu							
	5.000 m ³ /s	6.000 m ³ /s	7.000 m ³ /s	8.000 m ³ /s	9.000 m ³ /s	10.000 m ³ /s	>11.000 m ³ /s
Itaipu [MW]	7.200	8.000	9.000	9.800	11.100	11.800	13.000

As restrições de modulação estão associadas às taxas de variação de defluências, conforme explicado na Nota Técnica ONS DGL 0093/2021.

A incorporação das restrições de modulação das usinas da bacia do São Francisco e de Itaipu no balanço de potência é feita da seguinte forma: a partir das defluências médias mensais prospectadas nas avaliações energéticas, as tabelas de modulação são consultadas de modo a se obter a máxima disponibilidade de potência. Para as usinas do rio São Francisco, a consulta à tabela deve ser feita com base na defluência da UHE Xingó. Para a UHE Itaipu, a tabela já incorpora a flexibilização de 20% nas variações horária e diária de nível.

Ressalta-se que a modulação das demais UHEs simuladas são feitas independentemente da política energética adotada para análises prospectivas energéticas.

A disponibilidade de potência da UHE Tucuruí leva em conta a curva de operação da usina.

As disponibilidades de potência dos empreendimentos termelétricos convencionais são dadas pela geração térmica máxima da usina.

As disponibilidades de potência dos empreendimentos eólicos e fotovoltaicos são obtidas a partir do histórico de fatores de capacidade horários verificados no mesmo mês do ano anterior, conjugados com a projeção da capacidade instalada dos empreendimentos. Com isso, são considerados perfis diários (cenários para cada hora), capturando, além da variação sazonal, a variação intradiária destas fontes.

Para as pequenas centrais hidrelétricas e pequenas centrais termelétricas, as disponibilidades de potência são consideradas iguais aos valores de energia mensal adotados nas simulações energéticas.

Com base nos requisitos e recursos descritos anteriormente, são realizados balanços de potência para as 24 horas da curva de carga. Os requisitos de potência de cada hora são confrontados com os recursos, os quais consideram um único cenário de disponibilidade hidráulica, de disponibilidade térmica, e de

disponibilidade de pequenas centrais hidrelétricas e termelétricas, e vários cenários de disponibilidade eólica e fotovoltaica.

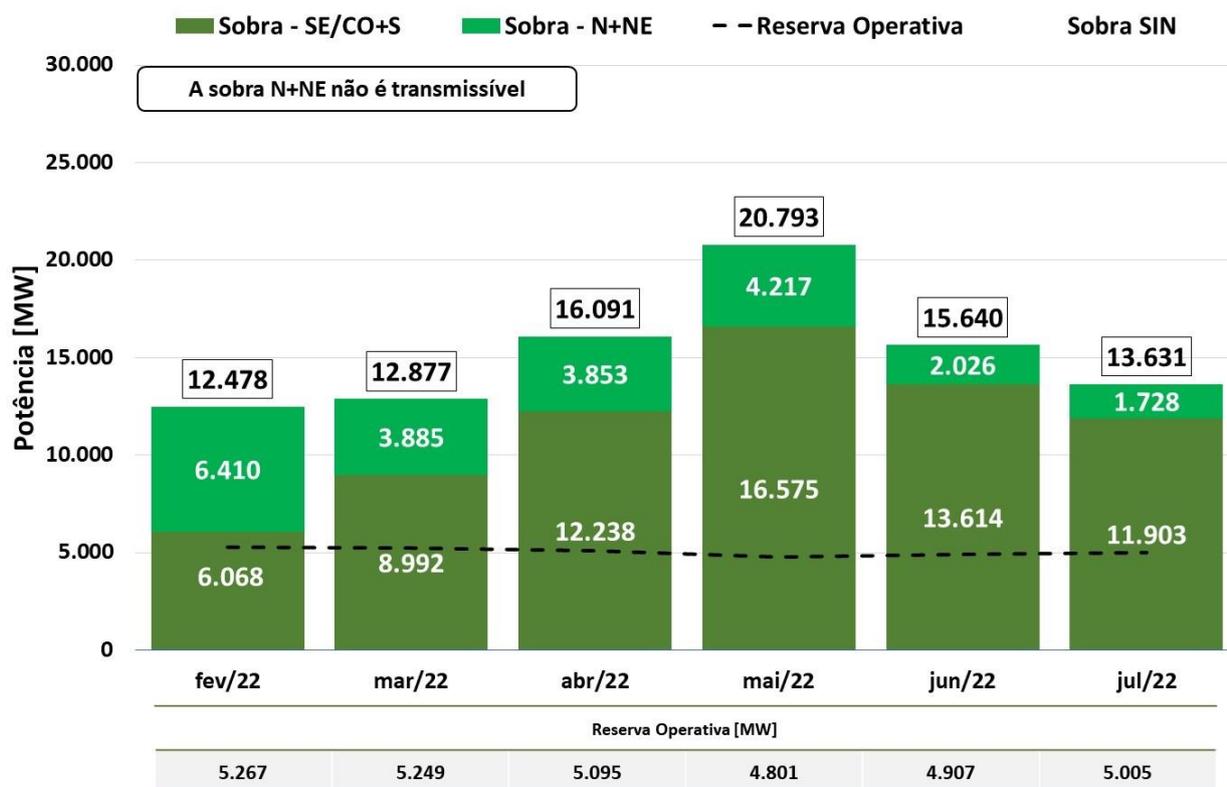
Vale ressaltar que nos balanços de potência são consideradas as capacidades de intercâmbio entre subsistemas associados ao patamar correspondente a hora para a qual o problema está sendo resolvido.

Vale ressaltar também que nestes balanços de potência, em adição às premissas listadas para as prospecções energéticas, considera-se a possibilidade de uso da reserva operativa a fim de evitar déficits de potência.

O Balanço de Potência considera o atendimento ao “Plano de Contingência para a Recuperação de Reservatórios do Sistema Interligado Nacional – dezembro/2021 a abril/2022”, priorizando, assim, a preservação dos estoques nos reservatórios de cabeceiras, assim como o atendimento ao “Protocolo de Compromisso Nº 1/2021”, associado a recuperação do nível mínimo normal operativo do reservatório da usina hidroelétrica de Ilha Solteira.

A análise se restringiu ao caso que considera as chuvas do ano de 2018, uma vez que este cenário é aquele que leva a menores níveis de armazenamento, tanto para o SIN quanto para o subsistema Sudeste/Centro-Oeste. Na Figura 6-1, a seguir, são apresentados os resultados. Tais resultados estão associados à situação mais crítica de cada mês, ou seja, entre todas as horas/cenários de disponibilidade eólica e fotovoltaica analisados, aquela de menor sobra de potência. Na figura são apresentadas as sobras do SIN, e também aquela que é passível de alocação nos subsistemas Sul/Sudeste-Centro-Oeste, uma vez que pode ser inviável trazer toda a sobra localizada nos subsistemas Norte/Nordeste para os subsistemas Sul/Sudeste-Centro-Oeste, devido a limitação nas capacidades de intercâmbio.

Figura 6-1: Resultados do Balanço de Potência para o Cenário de Chuvas 2018 – Situação mais Crítica



Da Figura 6-1, anterior, os resultados indicam que mesmo na situação mais crítica de cada mês há sobra de potência. O mês de menor sobra é fevereiro/2022, com 12.478 MW no SIN, sendo que desta 6.068 MW é passível de alocação nos subsistemas Sul/Sudeste-Centro-Oeste. Maio/2022 é o mês de maior sobra, 20.793 MW no SIN, com 16.575 MW passível de alocação nos subsistemas Sul/Sudeste-Centro-Oeste.

7 Conclusões e Recomendações

As conclusões deste estudo prospectivo são apresentadas a seguir:

- Com exceção do subsistema Sul, as condições de armazenamento verificadas ao longo do mês de janeiro/2022 foram acima daquelas previstas pelo estudo prospectivo anterior (descritos na NT-ONS DGL 0011/2022), ficando SIN com cerca de 5 pontos percentuais acima do previsto.
- Comparando os resultados apresentados nesta Nota Técnica com aqueles que constam na NT-ONS DGL 0011/2022 (estudo anterior), observa-se que as trajetórias de armazenamento dos subsistemas Sudeste/Centro-Oeste, Nordeste e Norte no estudo atual tendem a caminhar por cima da trajetória do estudo anterior. Já para o subsistema Sul, as trajetórias de armazenamento do estudo atual caminham por baixo daquelas do estudo anterior.
- A avaliação das condições de atendimento até julho de 2022 indicou que, para o cenário de precipitação 2018, o armazenamento do subsistema Sudeste/Centro-Oeste em 31 de julho de 2022 estará em 51,4% EAR_{máx}, ou 25,4 pontos percentuais acima do nível verificado na mesma data em 2021. Para o cenário baseado na precipitação de 2009, o nível alcançado ao final de julho/2022 é de 65,2% EAR_{máx}, cerca de 39 pontos percentuais acima do verificado na mesma data em 2021. Ambos os cenários consideram despacho térmico da ordem de 10 GW em fevereiro.
- O subsistema Sul apresenta armazenamentos, ao final de julho/2022, de 30,1% EAR_{máx} (cerca de 18 pontos percentuais abaixo do verificado em 2021), para o cenário de chuvas 2018, e 56,9% EAR_{máx} (cerca de 9 pontos percentuais do verificado em 2021), para o cenário de chuvas 2009.
- O subsistema Nordeste alcança, ao final de julho/2022, o nível de 61,6% EAR_{máx} para o cenário de chuvas 2018, e 82,9% EAR_{máx} para o cenário de chuvas 2009. Tais valores são 6,2 pontos percentuais e 27,5 pontos percentuais, respectivamente, acima do nível verificado no ano de 2021.
- O subsistema Norte atinge ao final de julho/2022 valores da ordem de 99% EAR_{máx} em ambos os cenários, cerca de 20 pontos percentuais acima do verificado em 2021.
- Os resultados mostram viabilidade de atendimento às restrições hidráulicas associadas ao Plano de Contingência para recuperação dos reservatórios, regulamentados através das resoluções ANA nº 108, 110 e 111/2021, bem como ao Protocolo de Compromisso nº 01/2021, assinado entre a ANA, Rio

Paraná Energia S/A e o ONS para restabelecimento das condições da outorga de Ilha Solteira. Destacam-se como pontos de atenção a inflexibilidade operativa resultante desses processos e o risco de não atendimento no caso de ocorrência de condições hidrológicas, de carga e de disponibilidade de oferta mais severa do que as consideradas no estudo prospectivo.

- A avaliações de potência indicam sobras de potência em todo horizonte, sem necessidade de uso da reserva de potência operativa. Destaque para o mês de fevereiro, mês em que há a menor folga em relação à reserva de potência.

Com base nos resultados dos estudos apresentados nesta Nota Técnica, o ONS faz as seguintes recomendações:

- Autorizar o despacho de geração termelétrica fora da ordem de mérito e importação sem substituição a partir da Argentina ou do Uruguai, nos moldes do § 13, do art. 1º da Portaria MME nº 339/2018, minimizando o custo operacional total do sistema elétrico e considerando as restrições operativas, de até 10.000 MW médios ao longo do mês de fevereiro para a geração termelétrica total das usinas despachadas pelo ONS, já acrescidos dos montantes, porventura importados, limitados a termelétricas que possuam Custo Variável Unitário – CVU de até R\$ 600/MWh.

Lista de figuras e tabelas

Figura 3-1: Anomalia de precipitação nas bacias dos rios Paranaíba e Grande e Incremental à Calha Principal do Paraná nos últimos 10 anos	7
Figura 3-2: Bacia do rio Paraná, delimitada a partir da UHE Itaipu, com indicação de usinas importantes para a gestão hidráulica a montante da UHE Porto Primavera	8
Figura 3-3: ENA observada no período de outubro de 2021 a janeiro de 2022.	10
Figura 3-4: Evolução das defluências mínimas das UHE Jupia e Porto Primavera de dezembro de 2021 até final de outubro de 2022	18
Figura 3-5: Evolução dos níveis das UHE Ilha Solteira e Três Irmãos até final de jan./22	22
Figura 4-1: Previsão de consenso do CPC/IRI para o El Niño Oscilação Sul (ENSO), elaborada em janeiro/2022	27
Figura 4-2: Anomalia de TSM entre 2006 e 2021 e previsão para 2022.	28
Figura 4-3: Distribuição da configuração 1 do índice e posição dos anos climatologicamente similares na distribuição	32
Figura 4-4: Distribuição da configuração 2 do índice e posição dos anos pré-selecionados nos Cenários de Similaridade Climática similares na distribuição	32
Figura 4-5: Distribuição da configuração 1 do índice e posição dos anos selecionados nos Cenários de Similaridade Climática	33
Figura 4-6: Distribuição da configuração 2 do índice e posição dos anos selecionados nos Cenários de Similaridade Climática	33
Figura 4-7: Combinação das informações para obtenção dos cenários de precipitação	35
Figura 4-8: Geração Mínima de Itaipu	44
Figura 5-1: Energia Armazenada Final (%EARMáx) – SE/CO	48
Figura 5-2: Energia Armazenada Final (%EARMáx) – Sul	49
Figura 5-3: Energia Armazenada Final (%EARMáx) – Nordeste	50
Figura 5-4: Energia Armazenada Final (%EARMáx) – Norte	51
Figura 5-5: Energia Armazenada Final (%EARMáx) – SIN	52

Figura 5-6: Volume Útil dos Principais Reservatórios da Bacia do Rio Grande	54
Figura 5-7: Volume Útil dos Principais Reservatórios da Bacia do Rio Paranaíba	55
Figura 5-8: Volume Útil dos Reservatórios de Serra da Mesa, Ilha Solteira, Três Marias e Sobradinho	56
Figura 6-1: Resultados do Balanço de Potência para o Cenário de Chuvas 2018 – Situação mais Crítica	60
Tabela 3-1: Afluências na bacia do rio Paraná em percentuais da MLT e no posicionamento do histórico para o período de outubro/2021 a janeiro/2022 e mês de janeiro de 2022	9
Tabela 3-2: Armazenamentos dos principais reservatórios da bacia do rio Paraná	11
Tabela 3-3: Armazenamentos dos principais reservatórios das bacias dos rios São Francisco e Tocantins	12
Tabela 3-4: Armazenamentos dos principais reservatórios das bacias dos rios Iguaçu e Uruguai	12
Tabela 3-5: Afluências no SIN em percentuais da MLT e posicionamento do histórico para o período de outubro/2021 a janeiro/2022 e mês de janeiro de 2022	13
Tabela 3-6: Armazenamentos do SIN e de seus subsistemas	14
Tabela 3-7: Defluências médias semanais praticadas nos reservatórios de Furnas e M.Moraes nas semanas operativas de jan./22	19
Tabela 3-8: Defluências médias semanais praticadas nos reservatórios de Emborcação e Itumbiara nas semanas operativas de jan./22	20
Tabela 3-9: Cotas do reservatório da UHE Ilha Solteira a serem atingidos ao final de cada mês	21
Tabela 3-10: Volumes de espera revisados do reservatório da UHE Sobradinho	24
Tabela 3-11: Defluências médias semanais praticadas no reservatório de Serra da Mesa nas semanas operativas de jan./22	24
Tabela 4-1: Indicação do fenômeno predominante em cada semestre (2000 a 2021)	29
Tabela 4-2: Cenário de ENA (% da MLT) dos subsistemas e do SIN no período fevereiro 2022 – julho de 2022, considerando-se a	

combinação da previsão estendida do ECMWF desfavorável com a precipitação observada no ano 2009	36
Tabela 4-3: Cenário de ENA (% da MLT) dos subsistemas e do SIN no período fevereiro 2022 – julho de 2022, considerando-se a combinação da previsão estendida do ECMWF desfavorável com a precipitação observada no ano 2018	36
Tabela 4-4: Cenário de ENA (% da MLT) dos subsistemas e do SIN no período fevereiro 2022 – julho de 2022, considerando-se a combinação da previsão estendida do ECMWF favorável com a precipitação observada no ano 2009	36
Tabela 4-5: Cenário de ENA (% da MLT) dos subsistemas e do SIN no período fevereiro 2022 – julho de 2022, considerando-se a combinação da previsão estendida do ECMWF favorável com a precipitação observada no ano 2018	37
Tabela 4-6: Comparação dos cenários de ENA média do período Fevereiro/2022 - Junho/2022 dos estudos prospectivos de 12/janeiro e 02/fevereiro, considerando a combinação da previsão estendida do ECMWF desfavorável com a precipitação observada no ano 2009.	37
Tabela 4-7: Comparação dos cenários de ENA média do período Fevereiro/2022 - Junho/2022 dos estudos prospectivos de 12/janeiro e 02/fevereiro, considerando a combinação da previsão estendida do ECMWF desfavorável com a precipitação observada no ano 2018.	38
Tabela 4-8: Comparação dos cenários de ENA média do período Fevereiro/2022 - Junho/2022 dos estudos prospectivos de 12/janeiro e 02/fevereiro, considerando a combinação da previsão estendida do ECMWF favorável com a precipitação observada no ano 2009.	39
Tabela 4-9: Comparação dos cenários de ENA média do período Fevereiro/2022 - Junho/2022 dos estudos prospectivos de 12/janeiro e 02/fevereiro, considerando a combinação da previsão estendida do ECMWF favorável com a precipitação observada no ano 2018.	40
Tabela 4-10: Carga de Energia do período fevereiro/2022 a julho/2022	40
Tabela 4-11: Aumento da Disponibilidade Energética (MWmed)	43
Tabela 4-12: Limites de Intercâmbio de fevereiro/2022 a julho/2022 (critério N-2)	45
Tabela 5-1: Uso da Disponibilidade Termoelétrica (SIN e SE/CO + Sul), em % do máximo	53

Tabela 6-1: Tabela de Modulação das UHEs da Bacia do São Francisco	57
Tabela 6-2: Tabela de Modulação da UHE Itaipu	58